

NEOKOSMOS: ESCOLHAS

MITO

Vinte e dois pares de pés calçados em sandálias marchavam sobre a terra úmida da trilha por entre a mata. A luz da lua atravessava a copa das árvores mais altas e iluminava o ferro fundido na ponta das lanças e o bronze das couraças polidas.

Quinze homens e sete mulheres seguiam em três fileiras, com uma braça de distância entre cada soldado. Todas as linhas exceto a última avançavam em silêncio, porém aquele trio parecia não inclinado a aquiescer às ordens de seu comandante e da própria prudência, suas palavras sussurradas somando-se ao passos e ao tilintar de metal.

“Deveríamos voltar à cidade e buscar reforços. Havia dois barcos na margem, há pelo menos 60 deles por aqui.”

“Não havia tempo, Thelankos meu jovem. Se regressássemos, eles ganhariam dianteira suficiente e possivelmente pilhariam algum povoado de pastores antes que pudéssemos voltar. Além disso, a essa altura de sua vida deveria saber que um hoplita grego é páreo para dois bestiais primitivos e estúpidos.”

“A essa altura da sua vida, Oleneu, deveria saber pelo menos o mínimo da matemática que os sábios ensinam, já que sua conta deixa ainda 16 a favor deles.”

“Ah, mas ambos se esqueceram de incluir nosso líder em suas contas! Delmikon sozinho daria conta de 20 inimigos sem sofrer um arranhão!”

“Vai morrer jovem, Elidor, se acredita em tais números. Delmikon é um grande guerreiro, mas mesmo ele não resistiria a mais de 5 atacantes!”

“Está sendo tolo, Thalankos. Não soube que Delmikon enfrentou e derrotou 30 homens na escaramuça de Bardanikos três estações atrás?”

“E ele matou a serpente de Gahioneus ano passado! Ao lado de Verbander resgatou a sacerdotisa Akemitia enfrentando nove Zoi Mavroi na encosta ao leste de Calimia meses antes disso!”

“Mês passado ele segurou sozinho a coluna do templo de Nike que desmoronava dando tempo aos fiéis que escapavam!”

“Eu estava lá, Oleneu. Delmikon gritou para eu e mais três homens na *agora* e juntos carregamos um tronco que estava em uma carroça para escorar o teto, que ele segurou no lugar enquanto reuníamos as pessoas. Não duvido que as outras histórias tenham também sua dose de exagero. Delmikon é um grande líder, forte e corajoso, mas não é um...” a próxima palavra saiu quase inaudível, abafada “...Deus.”

Um assobio riscou o ar e o clangor do bronze ecoou. A espessura do elmo fez com que a pedra lançada se espatifasse, mas não absorveu todo o impacto provindo do impulso de uma funda manejada por um braço forte. A cabeça de Bardelos pendeu violentamente para a esquerda e o soldado caiu, ao mesmo tempo em que uma voz potente gritava:

“Atenção! Erguer *aspis!* *Synaspismos!* Quatro por quatro, agora!”

O reflexo foi imediato e os soldados posicionaram os escudos lado a lado e acima de suas cabeças, formando sobre o grupo uma carapaça para protegê-los da torrente de rochas que se precipitou sobre eles vindas de ambos os lados da mata.

Os pesados escudos bloquearam não só os projéteis como o brilho da lua cheia. O pouco de luar que se esgueirava por entre as frestas permitiu que os soldados do centro da

formação vissem um grande vulto se ajoelhar ao lado do pobre Bardelos e tomar sua cabeça em suas mãos. As pedras ressoavam contra a madeira e couro dos escudos, mas as palavras baixas podiam ser ouvidas claramente.

“Piedosa Afrodite, bela senhora, poderosa e adorada por todos os gregos. Não permitai que um bravo caia diante do ataque vil e covarde de inimigos indignos. Dai tua benção para que mais uma vida não seja perdida para aqueles que servem os inimigos do Olimpo!”

Neste momento todos sentiram as costelas se cravando nos pulmões e o suor gelar sobre a pele. Ao inspirar, o perfume de jasmims invadiu as narinas dos soldados. Bardelos ergueu o tronco e pôs as mãos na cabeça.

“Consegue se levantar?” Perguntou o vulto.

“Sim, comandante.”

“Então pegue sua lança. Companheiros, o inimigo logo abandonará as pedras e arremeterá pelas duas margens da trilha. Quando as pedras pararem, quero três colunas de novo, e quando se encontrarem os do centro recuam saindo pela lateral, dois a dois, buscando flanqueá-los. Entendido?”

“Sim, comandante. Mas há bestiais adiante na trilha também, o avanço deles irá quebrar nossa formação.”

O som de metal oleado esfregando em couro se fez ouvir quando Delmikon desembainhou sua espada. Os rostos apreensivos dos soldados se fixaram na silhueta de seu comandante ao mesmo tempo em que cessou o ribombar das pedras sobre os escudos.

“Eu cuido desses.”



A estratégia foi seguida e os bestiais não tiveram chance. Os primeiros foram perfurados pelas lanças, e os próximos tiveram os ossos esmagados entre a barreira de escudos e os que vinham atrás. Os homens e mulheres encarregados do flanqueamento saltaram a pilha de corpos para engajar os primitivos em combate corpo a corpo. A força e agilidade de um bestial eram muito superiores às de um humano comum, mas o armamento e a tática superior dos gregos sobrepujaram o número e ferocidade dos oponentes. Em 20 minutos estava acabado.

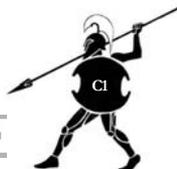
O céu começava a clarear com os primeiros raios da manhã enquanto os gregos cuidavam de seus ferimentos, pernas quebradas, ombros deslocados, dedos perdidos. Três dos homens partiram em sua última jornada rumo a Hades. Morreram com honra e defendendo a nação grega, então suas mortes não seriam lamentadas.

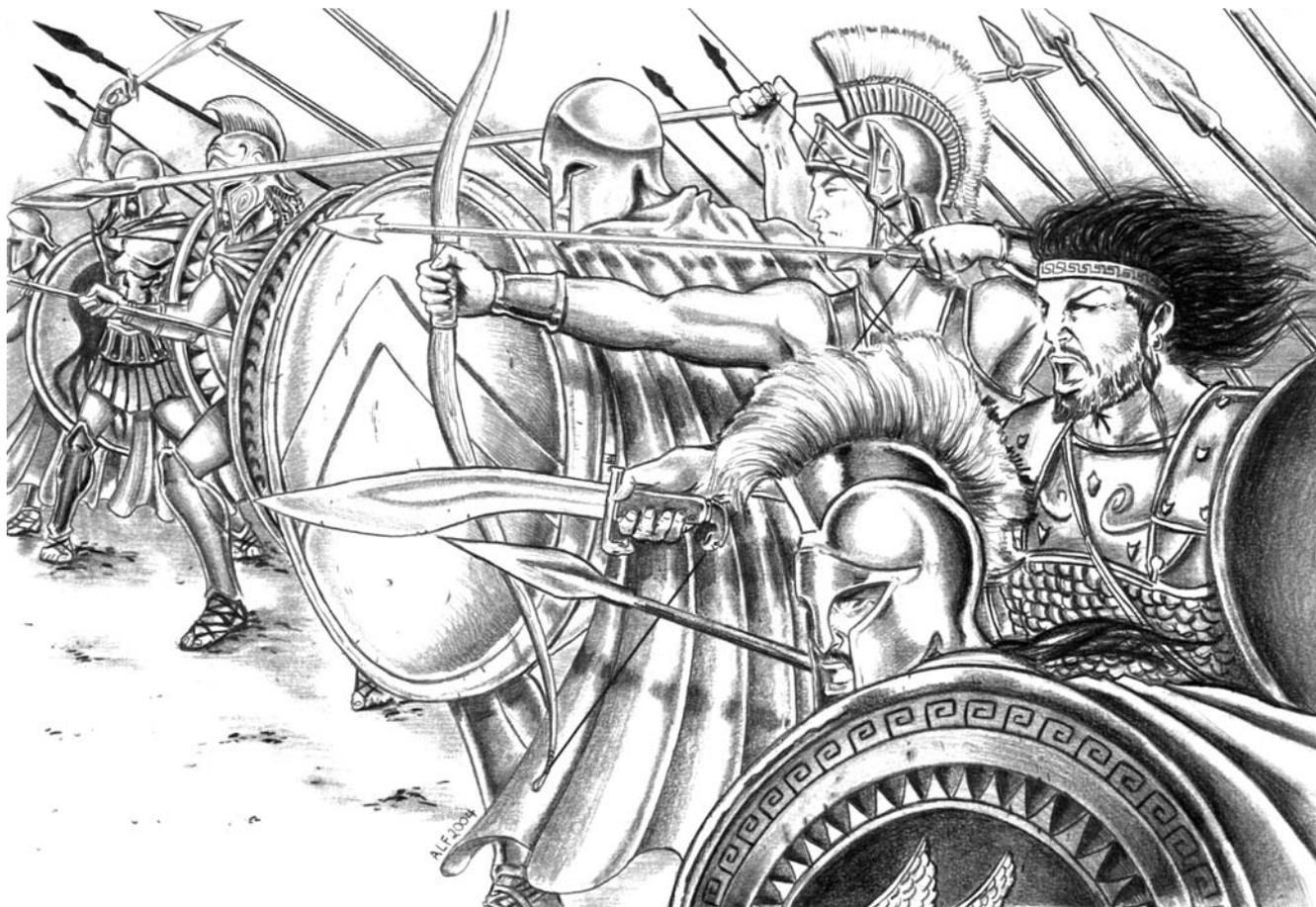
O jovem Thelankos, sem ligar para o braço ferido, dirigia-se a seus companheiros com entusiasmo:

“Vocês viram aquilo? Você viu, Elidor? Duas dúzias de bestiais! Delmikon matou duas dúzias de bestiais, armado só com uma *kopis!*” Uma grande mão pousou no ombro de Thelankos. O jovem levantou os olhos e fitou o rosto coberto de sangue ressecado do campeão.

“Não deveria colaborar com os exageros que contam, Thelankos. Havia seis deles lá na frente, muito menos do que os cinquenta que vocês mataram aqui. Vocês foram os heróis do dia de hoje, os deuses sorriem para nós!” Os soldados levantaram suas lanças saudando a vitória e os deuses que a permitiram.

“Os que não puderem andar montam acampamento e esperam; devemos voltar em cinco horas com carroças.





Cuidem dos feridos. Quanto aos outros, quero todos prontos para a marcha em um quarto de hora. Mexam-se!” Disse Delmikon, ao que foi prontamente obedecido.

Thelankos voltou-se para recolher seu equipamento, mas paralisou com um estranho pressentimento. Percebeu que Delmikon não havia saído do seu lado, e o olhava fixamente. Encarou-o por alguns segundos, mas logo abaixou seu olhar para o chão.

“Então é isso? As estórias são só exageros?”

Delmikon fez uma pausa e sorriu.

“Algumas são. Mas se esses exageros nos inspiram a nos superar a cada dia, que mal fazem?” Thelankos percebeu que havia muito mais que força e habilidade separando-o do campeão. Porém, essa diferença mesmo grande estava dentro do seu alcance. Delminkon continuou:

“Mas realmente eram trinta homens no campo de Bardanikos.”

RETORNO

O teiú saiu de sua toca e saudou a carruagem de Hélios em seu caminho rumo oeste. Mais uma hora e o seu brilho desapareceria definitivamente, dando lugar à luz suave de Selene e levando consigo o calor causticante. O réptil esperava aproveitar aqueles derradeiros minutos para aquecer seu corpo escamoso.

A poucos metros da pedra escolhida pelo lagarto, havia mais movimento. Onde a grama rala e seca se mesclava com a areia fina, uma linha visível que separava a pradaria do deserto, algo se mexia. A respiração forte fazia subir e descer o torso nu, queimado pelo sol e castigado pela areia. Pernas esticadas, braços fortes que cobriam o rosto, protegendo olhos e face da claridade.

O despertar foi brusco, como o de um pesadelo. O semblante do homem estava carregado de angústia, e talvez um grito tivesse escapado de sua garganta se esta não estivesse completamente ressecada. As mãos grandes afastaram o cabelo desgrenhado da testa suada. Podia ouvir o ínfimo barulho de água próximo. Uma pequena corrente, mas que deveria ser o suficiente para matar sua sede.

Arrastou-se pela grama até o pequeno filete de água que se esgueirava. As mãos em concha levaram o líquido até os lábios rachados, e grandes goles desceram pela garganta árida.

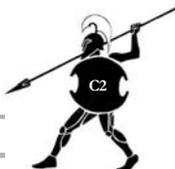
“Como cheguei aqui?”

O pensamento invadiu a mente do homem tão logo a necessidade básica por água fora saciada. Agora podia ocupar-se com outras questões. Sob a luz do crepúsculo que se aproximava, olhou para onde estava antes deitado. Quanto tempo havia passado ali? As pegadas de seus pés descalços estavam na areia e vinham de dentro do deserto, intocadas pelo vento.

Depois olhou para si mesmo. Apenas um saio de linho preso por um cinturão de couro cobria seu corpo. Não havia bolsa, jóias, ou armas.

“Andando. Andei até aqui desde... desde...”

A resposta para esta pergunta também não estava em sua cabeça. Talvez estivesse do outro lado da trilha de pegadas, onde quer ou quão longe ela terminasse. Junto talvez com seus pertences, que ele não sabia ao certo se realmente possuía. Com família e amigos que não tinham rosto ou nome, sequer tinha certeza se existiam.



Nem ele mesmo tinha um nome.

Franziu a testa e tentou resgatar das trevas de sua memória qualquer coisa que pudesse agarrar. Mas as mãos imaginárias voltavam vazias. Sem respostas.

Do mesmo modo que pensou mais claramente após aplacar a sede, talvez pudesse obter suas respostas depois que o vazio em seu estômago fosse preenchido. Sobre a rocha próxima, ainda estava lá o teiú, banhando-se com os últimos raios de sol e atijando a fome do desmemoriado.

O homem aproximou-se lentamente, flexionando os dedos e se preparando para o bote. Porém, precipitou-se, e tropeçou em um buraco escondido pela grama. Seu corpanzil caiu e espantou o animal, que saltou de seu assento e correu em direção ao deserto. Caído, viu seu pretense jantar disparar por sobre a areia com grande agilidade.

Por cerca de quinze metros.

Mesmo na luz morredoura do crepúsculo, o olhar incrédulo do homem pôde ver as escamas brilhantes secarem e se deteriorar. Os passos do animal ficaram mais lentos, trêmulos, sua carne definhando a cada segundo. Deitou-se imóvel, e logo a carne sumiu e deixou apenas um esqueleto delgado. Por fim, os ossos viraram pó e se misturaram com a areia.

O lagarto havia envelhecido diante de seus olhos em questão de instantes. A partir do momento que pisou na areia do deserto intocada pelo vento. A mesma areia que ostentava aquilo que pareciam ser suas próprias pegadas. Não sabia como, sentia, no fundo da sua mente, que aquele não era um lugar natural. De alguma forma, o deserto causara aquilo. E, ainda instintivamente, daquilo queria distância.

Caminhou por duas ou três horas sob a luz da lua, seguindo a corrente de água para longe do deserto. Logo viu o vulto de uma colina, onde provavelmente estava a nascente, talvez um pequeno lago onde animais fossem beber, e que pudesse apanhar para comer.

Havia realmente uma lagoa, mas nenhum animal a vista. As frutas azedas que cresciam nos arbustos à beira do lago saciaram sua fome, no entanto. E as águas frias revitalizaram seus músculos cansados, ao se banhar nelas.

Quando a lua saiu detrás de uma nuvem, o homem pôde ver um brilho prateado mais intenso sob a água. Seguiu naquela direção, com água pela cintura, e abaixou-se. Havia vários objetos metálicos ali, que ele retirou do fundo do lago e trouxe para a margem. *Hēmthoorakion. Kranos. Proknēmis.* E uma *xiphos* magnífica, cujo cintilar por sob a água havia lhe chamado a atenção. A



meia-couraça, o elmo e as grevas não estavam enferrujados, porém as tiras de couro que prenderiam a armadura, o forro e a *stephanos* do capacete se deterioraram após sabe-se lá quanto tempo submersos. Mas a espada estava em ótimas condições. Ele não precisava testar para saber que ela era extremamente afiada. O balanço era perfeito. O cabo trabalhado em ônix se ajustava em sua mão como se houvesse sido feito sob medida.

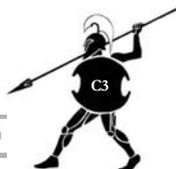
Virou-se com sua recém-adquirida arma e viu os vultos que se aproximavam. Eram três, e se esgueiravam em absoluto silêncio, trazendo bordunas nas mãos. Cinco metros de distância. Novamente, não sabia como, apenas sentia em seu íntimo exatamente o que fazer. Suas pernas e braços agiam por si só, e se colocou em uma posição de combate que havia sido aprimorada em anos de treinamento, mas que simplesmente não podia lembrar quando ou onde havia aprendido.

E os vultos avançaram...

ENCONTRO

Duas semanas rastreando. Quando começou, eles tinham mais de um dia de vantagem, mas agora a diferença era de pouco mais de dez minutos. Mesmo seus olhos acostumados com a escuridão perdiam um pouco de alcance à noite, de outro modo ela já poderia vê-los ao longe. Enquanto examinava os sinais da passagem pela relva, Samala lembrava de Delmikon.

O Campeão de Afrodite a procurara em Thaoraxos ao amanhecer. Precisava de suas habilidades como batidora. Um grupo de bestiais aportara à margem do rio, sua tropa os havia seguido, e foram emboscados. Mataram os primitivos, mas Delmikon viu que nem todos participaram da emboscada. Alguns seguiram para o norte, rumo às planícies. Mas não era um rastreador treinado. Logo perdeu a trilha, mas sabia que os indícios deviam estar lá. Por isso foi até Samala.



O Campeão estava certo. Quatro rastros continuaram o caminho enquanto o restante atacava os soldados de Delmikon. O estranho era que ao invés de tomar o rumo de alguma vila, ou de pelo menos ir em direção às terras ermas onde tribos de bárbaros e primitivos habitavam, eles seguiam direto para o nada. Exceto as Areias do Tempo.

E os vultos avançaram.

O homem abaixou-se para evitar o golpe da clava que visava sua cabeça, e desferiu seu ataque. A lâmina da *xiphos* penetrou facilmente no ventre do primeiro vulto, brotando das costas através da espinha partida.

O segundo atacante tentou acertá-lo de cima para baixo, mas o braço forte do homem empurrou o ferido, impedindo o ataque e soltando sua arma em um único movimento, que lançou ao ar sangue e entranhas.

O terceiro saltou em sua direção. Novamente se abaixou, passando por baixo das pernas do oponente e se levantando quando este estava sobre ele. O impacto do ombro e braço, somado ao impulso inicial, lançou o inimigo de cabeça no lago.

O segundo, livre do corpo do companheiro que o atrapalhara, o alcançou, desferindo golpes rápidos com o tacape que foram habilmente aparados pela espada. O terceiro estava se recompondo, procurando sua arma nas águas rasas para voltar ao combate.

Sob a luz do luar, os olhos aguçados de Samala já podiam vê-los a 70 braças de distância. Eles estavam atacando alguém, que parecia estar se saindo bem, mas não havia notado o quarto agressor que se esgueirava atrás dele.

Ela corria com toda a força de suas pernas. O quarto não era um bestial inábil. 40 braças. Ele tinha um alfanje fino e longo em cada mão, e se aproximava do homem que enfrentava os bestiais. Um deles pulou por cima dele e caiu no lago.

25 braças. Em meio ao fôlego entrecortado da corrida, Samala buscou as palavras para conseguir gritar um alerta, enquanto sacava um *aichmès* da *gorytos*:

“Cuidado! Atrás de você!”

O alerta foi o suficiente para despertar seus sentidos para o movimento às suas costas. Seus reflexos tiraram seu coração do caminho da lâmina assassina, que ao invés, cobrou seu tributo em sangue do braço esquerdo. Desequilibrado, tinha dois atacantes em posição para acertá-lo, e mais um que chegaria em segundos. Precisava decidir em qual se concentraria, mas um dardo arremessado com precisão tomou a decisão por ele.

O vulto brutalizado desabou, com o pescoço atravessado pelo dardo. O outro, que tinha uma lâmina em cada mão, se lançou em uma torrente de golpes que o homem aparava ou esquivava com dificuldade. Seu oponente era um pouco mais baixo, com membros mais finos, mas bem delineados, musculosos sem volume exagerado. Mas o mais impressionante era sua pele extremamente escura, quase azulada, e os olhos e dentes amarelos na cabeça calva. Era muito rápido e habilidoso

com suas armas, e também tinha uma boa mente tática, pois se posicionara deixando o homem entre ele e a direção de onde veio o grito e o dardo.

Ao seu lado, o homem pode ouvir o gemido de dor e o baque na água do outro oponente, provavelmente também atingido por um projétil.

“Piedosa Artemis!”, pensou Samala, sacando um terceiro *aichmès*. “Um Zoi Mavros, aqui!”

Mais admirada ainda estava que o homem seminu que o enfrentava parecia estar conseguindo se manter vivo. Talvez se ela conseguisse se aproximar antes que o Zoi Mavros o matasse, os dois pudessem sobrepujar o oponente.

Mas novamente se surpreendeu. Estava a 10 braças de distância quando viu o homem largar sua espada, e segurar os pulsos de seu atacante com duas enormes mãos. Depois, desferiu um violento golpe com a cabeça no rosto do surpreso Zoi Mavros, seguido de um chute nas pernas que levou os dois ao chão.

Samala agora corria para tentar impedir que o homem matasse a criatura. Ela precisava dele vivo, descobrir o que ele estava fazendo ali! Delmikon precisava saber...

Mas foi inútil.

O homem recuperava seu fôlego e só então tomou ciência dos inúmeros cortes em seu torso e braços, feitos pelas lâminas que agora estavam encravadas no peito do estranho ser que tinha debaixo de si.

“Está morto?” Era a mesma voz que menos de um minuto antes gritara lhe alertando da presença do atacante negro.

“Sim.”

“Precisava dele vivo. Saber o que está fazendo aqui. Meu nome é Samala. E você, quem é?”

“Sinto muito, mas não posso responder sua pergunta.”

“Não se preocupe. Estou a serviço de Delmikon, pode me dizer.”

“Não é que eu não queira dizer. É que eu não sei. Não sei quem sou, o que faço aqui, quem é Delmikon ou o que é isso que matei.”

“Os brutos são Andros-Kitnoi. Bestiais. Primitivos que eu seguia por ordem do *pentekoster* Delmikon, que temia que estivessem rumando para atacar alguma aldeia. Agora esse, é um Zoi Mavros. O equivalente sombrio da raça dos Zoi Asproi, povo de minha mãe. Sua presença aqui é intrigante, mas mesmo assim não chega a ser tão intrigante quanto você. Então não se lembra quem é?”

“Não. Tudo que sei é que acordei algumas horas atrás, a nordeste daqui.”

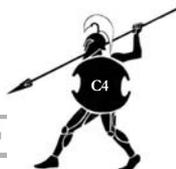
“E também não sabe onde conseguiu esse equipamento?” Disse a Miso Zoi, abaixando-se e examinando a armadura no chão.

“Não, esse eu sei. Estavam submersos na água, e devem estar lá há pouco tempo, pois não demonstram estarem enferrujados.”

“Não necessariamente. Isso me parece ser um trabalho dos Filhos de Hefesto, não enferrujam. São resistentes e leves, as lâminas não perdem o fio facilmente.”

“Sim,” disse o homem, apanhando a *xiphos* caída “isso pude perceber.”

“Não são coisas a serem largadas displicentemente. Estranho encontrá-las aqui.”





“Só tenho visto coisas estranhas desde que acordei. Vi um lagarto dissolver-se diante dos meus olhos no deserto. Encontrei essas armas e fui atacado por seres que nunca vi antes, e fui ajudado por alguém que diz também ser de outra raça, aparentada à essa?”

“Sou parcialmente. Meu pai era um homem. Minha mãe, uma Zoi Aspros. É tudo que você precisa saber sobre mim. Mas sugiro que me acompanhe de volta a Thaoraxos. Um sacerdote de Hefesto mora lá também, podemos consultá-lo sobre seu achado. E talvez ele possa ajudar a curar sua memória.”

O homem olhou para a garota por alguns instantes. O rosto suado, os longos cabelos negros presos em uma trança, mas com algumas mechas soltas pela corrida e as roupas sujas não conseguiam esconder a beleza dos traços delicados.

“Eu a acompanharei, Samala. Não tenho opção melhor. Apenas gostaria de ter um nome pelo qual você pudesse me chamar.”

A moça sorriu.

“Então, caro Amnemon, é melhor juntar esses corpos e irmos descansar. Temos uma longa jornada pela frente.”

FORMAÇÃO

“Impressionado?”

“Com o que?”

“Com Thaoraxos. Não passa de uma vila, mas para quem nunca viu uma cidade deve parecer imponente.”

“Eu sei perfeitamente o que é uma cidade, Samala. É estranho, eu sei como é, o barulho, o cheiro, as construções, apenas não consigo lembrar quando estive em uma, ou em qual, se é que estive mesmo.”

Já havia algumas horas que o sol nascera sobre Thaoraxos quando a dupla de viajantes chegou a pé. Um pequeno mercado estava montado na *agora*, em volta de uma fonte apinhada de crianças que brincavam na água que jorrava. Servos caminhavam para todos os lados, comprando comida para seus senhores ou cuidando de outros afazeres. Amnemon - ele já havia acostumado com o nome por qual Samala insistia em chamá-lo - notou com estranheza uma mãe que puxava sua filha pelo braço, tapando seus olhos com a mão. Outras pessoas passavam longe deles, e se desviavam para evitar seu caminho.

“O povo daqui não está acostumado com homens armados andando na rua, Samala?”, perguntou.

A moça respondeu sem olhar para ele:

“Não é por você Amnemon. É por mim. Eu sou Misos Zoi, e por isso não querem chegar perto.”

“O quê? Bobagem. Se você não houvesse me dito, eu não saberia o que você tem de diferente. Quer dizer, se não fosse essa pintura que usa nos olhos.”

“Mas eles sabem, Amnemon. Meu pai abdicou de seu lugar no conselho de Thaoraxos por minha mãe, que acabara nessa vila após ser ferida em suas viagens. O povo considerava mau agouro a Zoi Aspros aqui, meu pai foi um dos poucos que teve a dignidade de abrigá-la em sua casa para que se restabelecesse, o que nunca consegui totalmente.”

“Ela era uma batedora, como você?”

“Sim. Ela deixou a cidade dos Zoi Aspros com a cabeça cheia das estórias de heróis que os poucos gregos que chegavam lá para comerciar contavam. Ela me dizia que ficava fascinada com a idéia de aventura, de enfrentar bestas e viver para ouvir os *Aedoi* cantarem o seu nome. E, apesar de incontáveis perigos por que passou para proteger pessoas que nem conhecia, de quase ser morta por um Zoi Mavros, nunca teve o reconhecimento que almejava.”

“E você seguiu seus passos para tentar alcançar a fama que ela não conseguiu?”

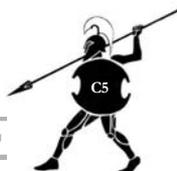
“Eu? Não, se parar para pensar, é um propósito não muito nobre esse, não acha? Ela mesma hoje em dia ri de como era ingênua antes de conhecer o meu pai. Na verdade acho que eu faço o que faço porque é necessário ter alguém que faça.”

“Ou porque alguém pediu... diga, Samala, é aquele o templo de Hefesto?”

“Não, aquele é o de Atena. Mas de qualquer forma, não vamos lá agora. Minha casa fica do outro lado da vila, já próxima à estrada. Voltemos à tarde para falar com Aristathios. E se tem alguma coisa para dizer diga de uma vez, não fique com insinuações!” Disse a jovem, sorrindo e dando um leve tapa no braço de Amnemon.

“Não tinha nada a dizer... só estranhei que se passou metade da manhã e até agora o nome do magnífico *pentekoster* Campeão de Afrodite Delmikon não foi mencionado. Está se sentindo mal?”

“Pode zombar Amnemon. Mas a verdade é que não só eu, mas qualquer pessoa faria qualquer coisa se Delmikon mandasse. Você o faria, se o conhecesse.”



Ele não respondeu, apenas riu sonoramente, fazendo com que os transeuntes se afastassem ainda mais dos dois.



Horas mais tarde, a batedora e o homem sem memória voltavam à vila, descansados e alimentados. O mercado já havia se recolhido, e Amnemon podia ver melhor os prédios públicos que formavam o centro de Thaoraxos. O templo de Atena era a maior construção da cidade, mas mesmo assim não passava de 10 braças de altura. Havia menos pessoas na rua agora, mas continuava evidente a aversão que o povo tinha à jovem Samala e seu companheiro.

Eles passaram pelo templo de Atena e seguiram por uma rua de chão batido. Em pouco tempo, estavam diante de uma construção baixa, em pedra e madeira, que estava em um nível abaixo do chão. Do teto, uma chaminé expelia fumaça cinza clara em golfadas intermitentes, e podia se escutar o estrondo de um martelo golpeando metal vindo de dentro.

“É aqui.”

“Esse é o templo de Hefesto? Parece mais uma ferraria para mim.”

“E você já viu um templo de Hefesto ou mesmo uma ferraria antes? Ou pelo menos se lembra de ter visto?”

“Na verdade... não. Tem razão, não consigo precisar, mas esse tipo de lugar me parece familiar, sabe?”

“Será que foi assim que você perdeu a memória? Um ferreiro colocou sua cabeça dura na bigorna e bateu com o martelo até que suas lembranças fugissem a galope?” disse Samala, quase não controlando o riso.

“Tem certeza que as pessoas se afastam de você só por que você é uma Miso Zoi? Não seria na verdade porque você tem um senso de humor fraco e uma personalidade insuportável?”

Samala ia abrir a boca para responder quando cessaram as batidas do martelo e uma voz grave ecoou de dentro do templo:

“Quem se atreve a perturbar a paz do templo e de seu sacerdote? A não ser que seja a filha de meus caros amigos Elpis e Onemidoros, é melhor correr se não quiser ser marcado com ferro em brasa!”

A batedora puxou seu companheiro pelo braço e desceu as escadas. Sob o teto baixo, que ficava poucos dedos acima da crista do elmo de Amnemon, havia um aposento iluminado por tochas, vazio a não ser pelo braseiro que fumegava ao lado de um nicho na parede onde havia uma pequena estátua de pedra. Na parede oposta à entrada, havia uma passagem, de onde podia se ouvir as marteladas que recomeçavam.

“Por aqui, Amnemon”, disse ela, e depois mais alto “Aristathios! Voltei, e com algo que vai lhe interessar muito!”, arrastando Amnemon pela passagem e chegando na forja, diante da qual o sacerdote trabalhava em uma espada.

Amnemon se surpreendeu com a figura de Aristathios. O pequeno homem não chegava à altura de seu peito, mas era igualmente largo, com braços poderosos apesar de curtos. Vestia-se com uma túnica vermelha e usava uma marreta para golpear o



ferro incandescente da lâmina, que apesar de seu evidente ardor o sacerdote segurava com uma mão nua. Sem desviar a atenção de seu trabalho, resmungou.

“Só um minuto Samala. Acredito que o que queira me mostrar tem a ver com o homem que lhe acompanhava hoje e foi o assunto no mercado esta manhã, não? Só você mesmo consegue fazer com que o povo apático dessa vilazinha se mexa, nem que seja só para falar mal...”

“Mais do que meu amigo, creio que o importante é o que ele encontrou duas semanas ao norte daqui, Aristathios. Me parece *kryotsali*.”

O sacerdote imediatamente cessou o seu martelar. Durante alguns segundos, pareceu olhar para o nada diante de si, antes de se virar e encarar os dois visitantes. Pousou a marreta e dirigiu-se para o homem, esticando os braços e tocando na couraça de metal que ele vestia.

“Como achou isso, meu jovem?”, disse o sacerdote de Hefesto, fascinado.

“Estas peças estavam sob as águas de um lago onde acampeei, antes de ser atacado por um bando de criaturas e ajudado por Samala.”, respondeu Amnemon

“As ‘criaturas’, Aristathios, eram um bando de bestiais que eu perseguia desde que a maior parte do grupo deles foi derrotada pela tropa de Delmikon no mês passado, mas que eu não tinha idéia que incluiria um líder Zoi Mavros.”



“São *keryotsali* sim. E também são muito antigas, veja o modo como as bordas são trabalhadas, isso é um estilo de pelo menos quatro séculos atrás, quiçá da época da Segunda Titanomaquia! Samala, se um Zoi Mavros estava rondando por onde armas como essa estavam perdidas...”

“Sim, eu sei, provavelmente ele tinha um propósito sinistro. Mas meu amigo aqui perfurou seu coração negro antes que eu pudesse interrogá-lo.”

“Venceu um Zoi Mavros em combate, rapaz? Um feito considerável.”, o pequeno sacerdote esticou seu braço deu uma palmada no ombro de Amnemon, com uma intenção amigável mas com uma força que teria derrubado um homem mais fraco.

“Não pode dizer mais nada sobre essas armas, Aristathios?”, insistia Samala, apreensiva.

“Não. Estou intrigado como algo que parece ser dos primeiros tempos dos Orosidai, mas não sei em que mais posso ser útil daqui. E, já que o Zoi Mavros foi enviado para os domínios de Hades, creio que só um oráculo poderia nos dizer quais eram seus motivos...”

“Sim!”, interrompeu a jovem Misos Zoi, “Podemos ir a Sionorica e consultar a Pitonisa! Talvez ela até possa lhe ajudar com seu problema de memória, Amnemon!”

“Não diga asneiras, Samala. Como espera conseguir uma audiência com a Pitonisa? A não ser que seu amigo conheça gente muito influente lá, uma Misos Zoi e um Orosides têm muito pouca chance de serem atendidos pelos esnobes sacerdotes de Apolo...”

“Mas nós conhecemos alguém que pode ser atendido quando quiser no templo, alguém que salvou Akemitia não muito tempo atrás...”

Aristathios deu um suspiro alto e bateu com as mãos em suas pernas curtas: “Você não perde uma chance, não? Por que será que todas as suas soluções para problemas, dos mais simples aos mais complicados, envolvem Delmikon?”

“Achei que só eu havia notado isso.”, disse o homem sem memória, rindo.

“Calados os dois! É verdade, se um Zoi Mavros estava envolvido, Delmikon precisa saber. Temos que imediatamente viajar para chamá-lo e...”

“Calma garota. Temos um jeito mais fácil de chamar o Campeão de Afrodite a nós.”, disse calmamente o sacerdote.

“Como? Mensagens levadas por pombos?”

“Não... eu só preciso rezar.”

◀ EQUILÍBRIO ▶

“Olha para mim, Delmikon.”

“Não ouse, minha senhora.”

“Abri teus olhos! Eu ordeno.”

“De todas as ordens que podeis dar-me, senhora, esta é a única que me obrigo a desobedecer.”

“Petulância. Arrogância. Como te atreves a ofender minha beleza, impedindo teus olhos de contemplá-la, mortal?”

“Peço perdão, senhora, mas rogo-vos que lembreis do voto que fiz ao vir-vos pela primeira vez, de que tão majestosa visão só teria novamente no dia em que ao

Hades me retirasse, levando para o esquecimento o semblante sereno por contemplar tão plena formosura.”

“És astuto, Delmikon. Muito astuto. Sabes usar exatamente as palavras certas para abrandar minha ira. É por isto que te amo.”

No escuro de seus olhos cerrados, Delmikon apenas sentia a aproximação. Os músculos do homem estavam extremamente tensos, quase tremendo de esforço, usando cada grama de força de vontade para resistir ao ímpeto de abrir os olhos.

Sentiu o toque em sua mão, macio e suave, envolvente, que percorreu o ante-braço, o bíceps, o ombro e o pescoço até chegar a sua face. Podia imaginá-la de pé ao lado do banco onde estava sentado, visualizando a cena enquanto ela acariciava seu rosto.

“Não haverá esquecimento para ti, meu Delmikon, pois uma parcela dos teus atos já garantiria tua ida aos Campos Elíseos. Tão forte, tão belo. Tua figura fazes me lembrar de Ares.”

“Não sou digno, senhora.”

“És tão digno que eu poderia dizer a ele que o faz me lembrar de ti, não soubesse eu que isso o faria vir bufando ter contigo e matar-te.”

“Viríeis com ele, senhora?”

“E que mulher ou deusa não iria para ver os dois grandes amores de sua vida disputando quem deve ter a honra de amá-la?”

“Então com certeza eu morreria, senhora, e feliz por ter-vos visto.”

“E se eu não viesse, Delmikon? Venceria? Matarias Ares?”

“Que poderia um homem fazer contra um deus, quanto mais Ares, o Flagelo, Senhor da Guerra?”

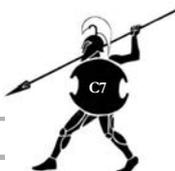
“Muito tempo atrás, em outro lugar, um homem chamado Diomedes o fez.”

“Conheço a história dos tempos antigos, senhora. Lembro que somente com a ajuda de Palas Diomendes consegui ferir Ares.”

“Então a ajuda de Palas é mais valorosa que a minha, Delmikon? É isso? Pois lamba as sandálias da criança então, verme mortal. Olha para ela e deleita-te, faz dela tua musa, se o que aprecias é elmo e escudo.”

“Perdão se vos ofendi, senhora! Ai de mim! Perdoai a estulície de um homem mais habituado com a espada que com a língua! Apenas assumi que a senhora não tomaria partido naquela contenda, visto ter apreço por ambos os lados. Não é meu desejo ofender nenhum dos Olímpicos!”

“É essa a paga então que recebo? Olhar por ti e pelos teus por tantos anos, protegendo-te do que te quer mal, para então ser colocada no mesmo patamar daqueles que nunca moveram sequer uma palha por ti? E ainda ousa presumir minhas ações? Achas que pode pensar por mim, tolo?”



“Chega!” disse Delmikon, colocando-se de pé e sacando a espada. “Deixai-me vê-la agora senhora, e com esta *kopis* fenderei minhas entranhas, pois não viverei um dia sequer em um mundo em que não tenha vossa proteção! Preparai-vos, pois abrirei meus olhos agora!”

O toque delicado de duas mãos pousou-se em sua face. Seus olhos foram cobertos. Sentiu o corpo aproximando-se do seu, afastando a lâmina de sua barriga. Sentiu também a cabeça se aproximando da sua sem tirar as mãos de sua face. Podia sentir a boca próxima de seu ouvido, sussurrando:

“Shhh. Não quero que morras ainda, meu Delmikon. Ainda te amo. De todos os meus Campeões tu és o mais belo, o mais forte. Agora devo regressar ao Olimpo, então digo-te por que vim. Meu coxo esposo trouxe-me um recado a ti, enviado por um de seus filhos Orosidai. Ele diz que está junto com a *Kataskopos* que mandaste atrás dos rastros dos bestiais, e que deves encontrá-los o mais rápido possível em Thaoraxos. Parti hoje, e não descansa até ter com eles!” com a última palavra, Delmikon pode sentir levemente o roçar dos lábios em seu pescoço. Neste momento os últimos resquícios de vontade se foram, e abriu os olhos.

Estava sozinho no aposento.

VIOLÊNCIA

Após saciar sua sede na fonte à beira da estrada, Delmikon ergueu os olhos para o céu. Pela posição da carruagem de Helios, pouco mais da metade da manhã havia se passado. Era a hora em que o Deus Sol começava a fustigar mais forte, e no mês de *Metageitnion*, em meados da estação mais quente, isso significava um calor intenso e causticante.

O Campeão, que vestia apenas um *exomis* branco amarrado na cintura com um cordão, encheu seu cantil com as águas que jorravam, e depois encheu um cântaro que encontrara ao lado da fonte para dar de beber ao fiel Alkeis. O garanhão acinzentado logo se aproximou, e avidamente consumiu o líquido que seu dono lhe oferecia. Mais duas vezes teve Delmikon que encher o vaso antes que o animal se desse por satisfeito. O Campeão então certificou-se que sua bagagem, principalmente sua armadura e sua espada, estavam bem presos ao lombo do cavalo antes de montar. Foi preciso apenas um leve puxão nas rédeas para que Alkeis retomasse o caminho rumo a Thaoraxos.

De volta a sua jornada, os olhos cinzentos de Delmikon contemplavam a paisagem à sua frente. Ainda tinha pelo menos mais 5 horas de cavalgada até chegar a seu destino, a maior parte passando pelas encostas irregulares e colinas do interior de Thaelia. Desde que deixara a capital não encontrara nenhum outro viajante, o que não era estranho em pleno verão. As pessoas nessa época preferiam viajar ao cair da noite.

Mas este era um luxo ao qual Delmikon não podia se dar. Samala o esperava.

Samala. Sobre o trote suave de Alkeis, o Campeão quase se deixou levar pelos seus pensamentos. Em questão de segundos porém, balançou a cabeça e piscou os olhos. Não podia se permitir. Não ousava nem mesmo pensar nisso. Afrodite era uma senhora ciumenta, e se havia algo no mundo que Delmikon temia era a vingança que ela poderia despejar sobre a jovem Misos Zoi caso suspeitasse da afeição que tinha por esta.

No entanto, as divagações desafiavam a força de vontade de Delmikon. Por 15 anos se dedicara ao serviço de Afrodite e a todo o povo grego, e tinha força e vigor para dedicar-se por mais 50 se assim fosse necessário. Mas também se deixava sonhar, pois gostava de pensar que sua luta tinha um propósito. Queria que chegasse finalmente o dia em que houvesse paz entre as pólis, entre os povos das planícies, que as criaturas do além-mar desistissem do conflito insano e por lá ficassem. Que chegasse o dia em que sua senhora escolheria finalmente dentre seus muitos amores qual seu preferido, e, se não fosse ele o eleito, que o libertasse para que escolhesse dentre os seus.

Como se sentisse a desatenção de seu dono, Alkeis relinhou sob seu corpo. Delmikon praguejou em seu íntimo por seu devaneio. Seu amor pertencia a Afrodite e ninguém mais. Samala era uma companheira de batalhas e nada mais, e precisava dele com rapidez. E, ao que parecia, mais adiante na trilha, colina abaixo, havia mais alguém que precisava.

Estava longe ainda, mas aparentemente dois cavaleiros perseguiam alguém a pé, que corria por entre as esparsas árvores à beira da estrada para tentar se livrar dos algozes. Com grande agilidade, conseguia evitar a captura no último momento. Tudo indicava que deveria ser um escravo fugitivo, ou um criminoso tentando escapar, mas existia uma ínfima chance de ser um inocente, e de sua perseguição ser um ato injusto. E apenas essa chance já era suficiente para Delmikon pôr Alkeis a galope na direção da comoção.

Ao aproximar-se mais, após meros segundos, pode constatar que a figura a pé era de uma mulher. E que seus perseguidores não montavam realmente seus cavalos, mas sim faziam parte do seu corpo.

“Centauros.”, sussurrou para si mesmo.

Provavelmente ébrios, pensava Delmikon, decidiram se aproveitar de uma jovem camponesa para saciar outros desejos. Pois seriam dissuadidos de seu intento. Retomando o galope, o Campeão sacou a *kopis*, e manteve a velocidade até deter-se a 30 braças de distância e bradar a plenos pulmões:

“Já tiverdes vossa diversão, nobres centauros. Agora deixai a moça em paz!”

O tom imperioso da voz por si só fez com que ambas as criaturas se detivessem. E, mesmo a distância, o Campeão podia notar que não só vinho deveria ser responsável por seu comportamento. Os olhos amarelados e injetados, as feições duras denotavam que algum tipo de loucura se apropriara dos centauros. O mais próximo, que tinha em sua mão uma *drepanon*, virou-se e bateu com os cascos no chão em desafio. Enquanto isso, o outro voltou a ir atrás da jovem.

Delmikon então arremeteu seu garanhão colina abaixo. Seu oponente também avançava em sua direção. A posição da metade humana do centauro à frente do corpo era uma vantagem que eliminava a localização elevada de Delmikon, já que podia golpear a cabeça de Alkeis antes que estivesse ao alcance da arma do Campeão.

Por isso, quando estava a poucas braças de distância, Delmikon puxou as rédeas para a direita abruptamente. Fazendo seu cavalo virar, inesperadamente pulou de seu dorso e lançou-se no ar a grande velocidade. Suas pernas fortes flexionaram-se no momento exato para absorver o impacto com o solo,



que poderia facilmente partir seus ossos, e novamente o impulsionaram em outro salto, agora na direção do inimigo que se aproximava, chegando pelo lado oposto da ameaçadora foice. Girando no ar em um eixo vertical, Delmikon esticou o braço armado e a lâmina afiada da *kopis*, impulsionada tanto pelo galope morro abaixo de Alkeis quanto pela força do Campeão, não encontrou muita resistência.

O corpo decapitado do centauro ainda deu mais dez passos depois que sua cabeça atingiu o solo, e tombou com sua cauda se movendo em espasmos. Por apenas dois palmos Delmikon evitou ser pisoteado, mas estava incólume. Somente lamentava a necessidade de um golpe mortal, mas este era inevitável, não podia deixar o inimigo se recuperar havendo outro oponente em vista.

Alkeis voltou galopando para onde estava seu dono. Nesta hora, o centauro remanescente já havia se dado conta da morte de seu companheiro e se preparava para disparar rumo a Delmikon, urrando. Tinha as mãos nuas, mas mesmo assim representava uma terrível ameaça, devido aos cascos poderosos.

O Campeão montou seu cavalo em um único movimento. Não tinha distância suficiente para tentar a mesma tática, e queria tentar evitar matar a segunda criatura, se possível.

Ambos avançaram frente a frente, e novamente Delmikon impeliu sua montaria a desviar, desta vez para a esquerda. Quando o centauro passou por detrás dele, Alkeis firmou as patas dianteiras no chão e desferiu um coice na anca do oponente com um ruído abafado.

O terrível golpe, no entanto, só conseguiu enraivecer ainda mais o centauro enlouquecido. Atacando pelo lado esquerdo, a criatura tentou agarrar Delmikon e arrancá-lo do cavalo, e só o brandir defensivo da espada evitou que esse intento se concretizasse.

Mais uma vez o centauro avançou, e desta vez empinou seu corpo, visando acertar a cabeça de Alkeis com golpes de seus cascos dianteiros. Delmikon precisou das duas mãos para puxar as rédeas de seu garanhão e evitar o ataque que poderia ser fatal, largando a espada nessa ação. Agora o Campeão precisava se aproveitar de qualquer oportunidade.

Assim que as patas dianteiras do centauro tocaram o solo, Delmikon arremeteu em sua direção. Novamente a criatura tentou agarrá-lo e tirá-lo do cavalo, e desta vez ele o permitiu. Enquanto os braços de seu inimigo o envolviam pela cintura, passou o seu pelo pescoço deste, tensionando seus músculos para tentar asfixiá-lo e ao mesmo tempo evitar que fosse atirado ao chão e depois pisoteado.

O centauro começou então a saltar e corcovear. Delmikon ergueu suas pernas e abraçou a parte humana do centauro com elas, para se firmar melhor, ao que o centauro reagiu selvagememente mordendo o ombro do Campeão e cravando as unhas em suas costas. Ignorando a dor, Delmikon apertava ainda mais forte. O centauro também parecia imune à dor, não diminuindo o ritmo de seus saltos ou das mordidas.

Os dentes do centauro se aproximavam ameaçadoramente do pescoço do Campeão. Sentindo que o centauro afrouxara o aperto em sua cintura e vendo que seus esforços em tentar subjugá-lo não dariam resultado, Delmikon soltou suas pernas quando a criatura estava no ápice de um salto. A parte inferior do seu corpo, livre, projetou-se para cima e para trás enquanto mantinha o braço firmemente agarrado ao pescoço do centauro. As vértebras sofreram uma ação de alavanca e se torceram, esmigalhando a medula e decretando a morte da criatura. As patas imediatamente falharam, e o corpanzil parte equino parte humano do centauro desabou. Delmikon largou o pescoço assim que sentiu os ossos se partirem, e usou o impulso para saltar para longe; mas, desequilibrado, não conseguiu aterrisar devidamente e rolou pelo chão, esfolando sua pele nos pedregulhos.

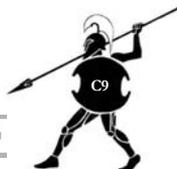
Não se deixou abater pelos ferimentos. Em menos de um segundo já estava de pé, preparado para um possível ataque. Mas o centauro estava definitivamente morto.

Alkeis novamente voltou para o lado de seu dono, de cabeça baixa, e foi recebido com um afago na crina. Delmikon só então lembrou-se da moça. Virando-se, a viu caminhando em sua direção. Ela abaixou-se e pegou a *kopis* ensangüentada enquanto Delmikon ia ao seu encontro.

“Que Hermes o proteja e o faça manter sua graça e habilidade, senhor. Agradeço imensamente pelo salvamento, tremo só de imaginar o que aqueles brutos teriam feito comigo se me pegassem.”, disse a jovem. Era de pequena estatura e vestia-se com um *chiton* vermelho na altura dos joelhos. Seu cabelo era loiro encaracolado e cortado curto, de forma que a franja nem chegava a lhe cobrir os olhos.

“Está ferida?”

“Não, senhor.”



“O que aconteceu? Isso não é normal, centauros podem ser selvagens mas não são irracionais. O que os impeliu?”, perguntou Delmikon.

“Realmente não o sei, senhor. Meu nome é Hermione, e viajava de Calímia para Thaelia quando parei para descansar à sombra daquelas árvores. Devo ter dormido por mais ou menos uma hora, e acordei cercada, com os dois agachados ao meu lado. Por pouco não conseguiram me agarrar, e corri por entre as árvores por alguns minutos, tentando evitá-los até sua chegada.”

“Bem Hermione, a estrada está livre a partir daqui. Pode seguir viagem sozinha?”

“Sim, posso. Não posso me abalar com isso se pretendo impressionar o Campeão Delmikon e entrar a seu serviço.”

O Campeão se surpreendeu com a informação, e sorriu levemente: “Delmikon?”

“Sim, há muito ouço estórias de sua bravura e coragem. E ouvi que no mês passado sua *pentèkostys* se bateu com uma força muito superior, e embora tenha saído triunfante sofreu algumas baixas.”

Seu sorriso aumentou: “Não parece ser uma guerreira, Hermione.”

“E não sou, mas o seria por Delmikon, mesmo sem nunca ter a honra de tê-lo visto! Estou disposta a entrar em um treinamento rígido se necessário, ou aprender a usar isso”, disse, olhando para a *kopis* em sua mão.

“Percebo realmente que nunca o viu. Posso lhe dizer que ele a aceitaria em sua tropa de bom grado, se não por sua habilidade em evitar dois centauros durante tanto tempo, ao menos pela sua coragem e determinação em defendê-lo. Porém devo dizer que não vai encontrá-lo em Thaelia, visto que ele partiu rumo a Thaoraxos esta manhã.”

A garota baixou a espada e demonstrava claramente a decepção em seus olhos: “Então deve ter passado por essa estrada há pouco, talvez até enquanto eu descansava!”

“Não. Ele está aqui de pé esperando uma moça teimosa lhe devolver sua espada para que possa continuar a viagem.”

Delmikon esperava que isso a pegasse de surpresa, mas a garota tinha uma mente afiada e o raciocínio rápido. Caiu de joelhos e estendeu a espada com ambas as mãos, com o cabo virado para o Campeão, e falou em meio a lágrimas:

“Hera, como pude ser tão tola? Por favor senhor, me perdoe! Pegue sua arma, e siga seu caminho sem mais demora!”

“Levante-se, Hermione. Numa coisa está certa, que é que já me demorei demais, considerando que agora Alkeis avançará mais lentamente, levando dois em seu dorso!”

Os olhos da moça brilharam por detrás das lágrimas: “Me levaria consigo, senhor? Me aceitaria como sua serva?”

“Não como serva, mas como uma aliada, Hermione. Pode aproveitar esse tempo me contando que mais habilidades pode trazer à minha companhia...”

MOTIVAÇÃO

“E você nunca sentiu falta de lá?”

“Falta? Sim, às vezes lembro das ruas, dos rostos, da minha família e sinto saudades. Mas se me arrependo de sair de lá para me aventurar - e depois morar - entre os seus? Ah, isso nunca. Os gregos têm uma vitalidade, um apreço pelas coisas que são realmente importantes na vida, os sentimentos, que eu não encontrava entre o meu povo...” disse Elpis, a Zoi Aspros, mãe da *Kataskopos* Samala para seu hóspede Amnemon. Ele não respondeu, permanecendo com os olhos distantes. Depois de alguns segundos piscou, e finalmente falou:

“Talvez eu tenha estado em sua cidade. Não tenho certeza, mas depois que a vi, posso ver imagens no fundo da minha memória de pessoas parecidas com você, mas é tudo enevoado, distante, desconexo.”

“Você ainda vai se lembrar, Amnemon. Nenhum ferimento é eterno, nem mesmo os da mente”, disse, passando a mão por sobre a coxa direita onde se podia ver claramente uma cicatriz profunda na parte interna, e voltou-se para a trilha adiante que ia da pequena fazenda dos pais de Samala rumo a Thaoraxos. Selene já havia tomado o lugar de Helios há uma hora, mas os olhos de sua raça podiam enxergar no escuro muito melhor do que os de Amnemon. Elpis prosseguiu:

“Parece que sua espera terminou. Delmikon vem vindo pela trilha, puxando seu cavalo e acompanhado de Aristathios e de uma mulher que não conheço.”

“Vou avisar Samala.”, disse o homem, levantando-se.

“Não precisa, deixe-a lá com o pai. Ela virá correndo assim que ouvir a voz dele.”, impediu Elpis, segurando Amnemon pelo braço e rindo. Ele também riu, e sentou-se novamente.

“Ela gosta mesmo dele, não?”

“Sim. E lhe digo que, uma vez, percebi Delmikon olhando para ela com uma expressão que não me enganou. Quando ele notou que eu havia percebido, foi a primeira vez que o vi não olhar alguém nos olhos, ele baixou os seus e virou o rosto. Ele também gosta dela, mas não pode fazer muita coisa a respeito.”

“A posição dele estaria ameaçada? O povo olharia mal seu Campeão, como olharam para seu marido, se se unisse a uma Misois Zoi?”

“Talvez até olhassem pior do que olham a Onemidoros, mas não creio que ele se preocupe com isso. Não é o povo que o impede, mas aquela de quem é devoto. É irônico que o Campeão da paixão e do amor se veja impedido de encontrar a felicidade em tais sentimentos.”

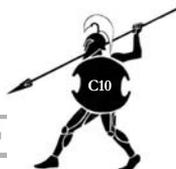
“Não acho irônico. Acho trágico.”

“Tem razão, Amnemon. Tem toda a razão.”



Aristathios, Amnemon e Elpis trocaram olhares e sorriram enquanto Samala cumprimentava o recém-chegado Campeão. A jovem o abraçou efusivamente.

“Samala! Deixe-me cumprimentar sua mãe primeiro.”



“Minha mãe já o conhece há muitos anos. Quero lhe apresentar Amnemon.” disse Samala, soltando o pescoço de Delmikon e apontando para o sorridente sem memória. Delmikon estendeu sua mão para o homem, que era um pouco mais alto e com braços mais volumosos.

“Ah, sim. No caminho até aqui Aristathios me contou sobre você. É um prazer conhecê-lo.”

Amnemon apertou a mão estendida com suas duas. “E para mim é uma honra.”

“Igualmente. Aristathios me disse sobre sua condição, e sobre o que aconteceu ao Norte daqui. Realmente precisamos discernir qual era o propósito daquela expedição sinistra. Faremos o que for necessário, do mesmo jeito que o faremos para ajudá-lo a encontrar seu passado.”

“E quem é sua companheira, Delmikon?” perguntou Elpis, indo na direção da moça loira que até agora estava calada.

“Meu nome é Hermione,” disse ela com uma voz hesitante, “Delmikon me salvou de dois centauros esta manhã no caminho de Thaelia para cá.”

“Ela viajava justamente com a intenção de se alistar em minha companhia. Sabe usar bem uma *encheiridion*, além de saber como ser furtiva quando necessário - sem contar é claro a habilidade de evitar dois oponentes com mais vigor e força do que ela.”

“Muito conveniente isso, não? Com certeza Tyche sorriu para você hoje.”, disse Samala, em um tom bastante diferente do normal de sua voz.

Sentindo o ciúme na voz da amiga, Amnemon se apressou em tentar mudar o assunto:

“Suponho que Aristathios tenha lhe dito que pretendíamos, para descobrir o intento dos invasores, consultar o oráculo, não?”

“Sim. A princípio me pareceu uma idéia um tanto quanto precipitada, mas não vejo outra saída. O Zoi Mavros não teria avançado tanto no interior do continente se não tivesse um objetivo, que precisamos descobrir. Com ele morto, nossa única alternativa é a Pitonisa. Acho que podemos partir ao alvorecer. Temos como adquirir cavalos para vocês, Samala?”

“Creio que não, Delmikon. Mesmo com o crédito que você pode conseguir com os comerciantes, dificilmente encontrará bons animais no mercado.”

“Então acho que devo deixar Alkeis aqui em sua casa até voltarmos, se não for um incômodo, e seguiremos viagem a pé. No máximo em uma semana estaremos lá.”

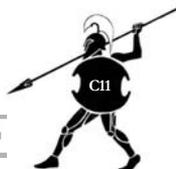
“Claro que não é um incômodo, Delmikon. Tratarei muito bem dele enquanto vocês descobrem o que aquela criatura desprezível queria. Se não fosse minha perna ruim, iria com vocês. Vão e não se preocupem! Agora é bom que todos se alimentem e descanssem para a jornada.”



Seis dias depois...

Com nada mais que o ruído dos remos entrando e saindo da água, o pequeno barco singrava o lago plácido. Além do condutor e de dois remadores, o barco trazia mais seis pessoas, todas em absoluto silêncio. Tudo que havia para ser discutido já o havia sido naquela manhã.

O grupo chegara à acrópole de Sionorica ao amanhecer, e fora detido em um dos portões pela guarda da polis, que negava a entrada de Aristathios e Samala.



Delmikon requisitara a passagem invocando o nome de Akemítia, uma das sacerdotisas de Apolo mais influentes. Após um longo tempo que o grupo teve a passagem permitida, e se dirigiram ao templo, onde já os esperavam Akemítia, o sumo sacerdote Trophonius e Verbander, maior entre os Campeões de Apolo.

Foi uma batalha de influência de Delmikon e Akemítia contra Trophonius, tendo Verbander como um ponto neutro - apoiado em certa rivalidade amigável entre ele e o Campeão de Afrodite. Por fim, Trophonius aquiesceu em permitir uma única pergunta à Pitonisa. E agora Delmikon, Samala, Amnemon, Aristathios e Hermione iam, junto com Akemítia, rumo ao templo no centro do lago.

Desembarcaram na diminuta doca da ilha e adentraram a construção em mármore que se dizia ter sido erguida pelo próprio Apolo séculos antes. O calor era intenso, fazendo com que todos os presentes transpirassem em profusão exceto pelo Orosides Aristathios.

Diante deles estava a filha mais velha do Rei Joreus IV, que abdicara de sua posição e de seu nome para tornar-se o Oráculo, a Pitonisa de Sionorica. Sentada nua em uma trípede de bronze, cercada por vapores que obscureciam a visão de suas formas ela aguardava.

Delmikon se adiantou. Pensativo, examinava minuciosamente a sua pergunta para que não houvesse distorção na resposta.

“Ó Pitonisa, serva de Phoebus Apolo, filho de Zeus e Leto, nascido em Delos com sua irmã Ártemis, pai e senhor da cura, da música, da arte e da profecia, a quem Helios deve seu manto e carruagem por ter derrotado seu pai Hyperion em combate, e os arqueiros sua precisão. Dizei a nós suplicantes, removais o véu da dúvida sobre o assunto que nos é premente. Qual era o propósito da expedição de Andros-kitnoi liderada por um Zoi Mavros, que foi morto por um dos homens aqui diante de vós vinte e dois dias atrás?”

A mulher fechou os olhos e inspirou profundamente. Subitamente, seu corpo se soltou e debruçou-se em suas pernas, com a cabeça baixa e os longos cabelos tocando o solo. Vagarosamente se levantou, com as madeixas não escondendo os olhos vermelhos e o sangue que escorria de seu nariz e dos ouvidos. Levou às mãos a frente e cerrou os olhos, dizendo:

*“À discórdia atentai, há a face e a mão
Perdida uma há mi, perto a outra se fará
Buscam os servos do mal, a uma e tesouros mais
Da face a hora não é, mas onde Hermes triunfou
A fria lâmina lá, almeja o mal do sul.”*

Com isso baixou a cabeça e se calou. Delmikon, que já estivera antes diante da Pitonisa, gesticulou para que todos se retirassem. Sabia que a moça agora iria regurgitar e provavelmente desfaleceria, efeito dos vapores proféticos. E, além disso, agora eles deviam interpretar o que lhes foi dito.

CRIMÉ

“Hefesto, Pai dos Orosidai, senhor do Fogo, zelai por nós. Vós que não vos furtais jamais dos fardos, eu vos rogo, olhai por este vosso filho e por aqueles que me são queridos.”

Aristathios levantou-se após terminar suas orações. Seus joelhos o lembravam dos dias de marcha firme que o levaram até a hospedaria nas docas de Calimia onde se encontrava. A dor aguda em suas têmporas o lembrava do que transcorreu durante a viagem.



*“À discórdia atentai, há a face e a mão
Perdida uma há miú, perto a outra se fará
Buscam os servos do mal, a uma e tesouros mais
Da face a hora não é, mas onde Hermes triunfou
A fria lâmina lá, almeja o mal do sul.”*

Havia dito a Pitonisa em Sionorica.

A face e a mão da discórdia, uma perdida e outra próxima. “Discórdia” provavelmente se referia à Deusa Éris, senhora da discórdia e mãe de todos os desastres. A menção posterior à tesouros indicava que talvez “face e mão” significassem artefatos da deusa, perdidos, que os “servos do mal” – os Zoi Mavroi, seguidores de G’Goschih – buscavam. A região onde Samala encontrou Amnemon foi palco de muitas batalhas durante a Segunda Titanomaquia, entre deuses, homens e monstros. Como as armas encontradas por Amnemon, talvez posses de Deuses e Titãs jazessem perdidas por lá. Porém, o oráculo também afirmara que havia uma necessidade mais premente.

Hermione, nativa de Calímia, logo reconheceu sua polis natal como “o lugar onde Hermes triunfou”, e apontou que talvez “a fria lâmina” se referisse a uma lenda, uma estória para assustar crianças, sobre a espada do Titã Crius e sobre como um culto titânico se esconde nos túneis sob a cidade.

Como recomendou a Pitonisa, não era hora de se preocupar com a face ou a mão de Éris. Por enquanto.

O grupo se dividiu quando estava a uma certa distância da cidade. Hermione precisava tentar descobrir pistas concretas sobre o suposto culto em meio ao submundo da cidade, e ela não conseguiria isso se fosse vista entrando acompanhada de um Orosides, de uma Miso Zoi, ou, pior ainda, de um reconhecido herói como Delmikon. Amnemon era o único que poderia acompanhá-la nessa missão.

Aristathios, Samala e Delmikon cruzariam os portões de Calímia algumas horas depois de seus companheiros. De qualquer modo, Delmikon entrou incógnito, para não chamar a atenção.

Por dois dias eles aguardaram uma mensagem de Hermione e Amnemon para se encontrarem...

●

“Eu acho que também já estive aqui antes...”

“Quieto. Não fique olhando aparvalhado para tudo e não fale alto. Seja discreto. Temos uma missão a cumprir.”

Amnemon estava espantado com a mudança abrupta em Hermione. A moça tímida que conheceram em Thaoraxos e que viajou com o grupo até Sionorica e depois à Calímia se transformara naquela obstinada, séria e áspera Hermione desde que ouvira as palavras da Pitonisa.

Amnemon acreditava que a presença de seguidores dos Titãs e de G’Goschih em Calímia era encarado por ela de forma pessoal. Ela se esforçava tremendamente para impressionar Delmikon, e parecia querer cumprir a qualquer custo a incumbência que lhe fora dada, ou eliminar qualquer mácula que a associação entre os inimigos do sul e sua pólis natal pudessem lhe imprimir.

“Certo. Então eu sou só o seu guarda-costas. Ficarei quieto no canto até alguém tentar atacá-la, daí eu ajo, certo?”

“Não, você só fica quieto no canto e intimida qualquer um que pensar em me atacar. Se alguém chegar a me atacar, significa que você não fez o seu trabalho direito, e eu não confiarei que conseguirá fazê-lo na segunda vez. Eu lidarei com qualquer atacante.”

Amnemon permaneceu em silêncio. Sua vontade era retrucar a impertinência da pequena Hermione, mas, como ela, ele tinha a missão em vista. Os dois estavam próximos à pista final do mistério. Durante três noites eles percorreram as ruas escuras de Calímia, talvez a mais depravada e violenta das poleis da nação grega. Marinheiros e mercadores de todos os cantos do continente se acotovelavam nos albergues, bebiam e brigavam pelas ruas, conduziam negócios escusos à margem do rio e em sua desembocadura no mar.

Em todas estas noites, Hermione se encontrava com sujeitos mal-encarados e falava com eles em tons baixos combinados com termos truncados para resultar em Amnemon não entender sequer uma palavra. E ele bancava o guarda-costas. Ela apenas dizia a ele para onde ir, e, antes de se recolherem para dormir, quase ao amanhecer, que estavam chegando perto.

Naquela noite, era o quinto lugar que visitavam. Mas era diferente. Havia uma espécie de arena em forma de um poço circular, com paredes e piso compostos de pedras de granito retangulares com manchas marrons.

Um homem obeso, barbado, vestido em o que parecia ser um himation de algodão tingido de amarelo, com uma espécie de touca no mesmo tecido sentava-se em uma bancada cercado de homens e mulheres armados. Hermione se adiantou para falar com o homem gordo, e Amnemon afastou seu manto de forma a evidenciar o cabo da sua *xiphos*.

Durante alguns minutos a garota e seu rotundo interlocutor conversaram. Finalmente ela se virou e veio na direção de Amnemon, sorrindo e falando por entre os dentes:

“Seu idiota. Depois conversamos sobre qual o objetivo da sua pose impensada de poderoso guerreiro heróico, mostrando a espada abertamente. Agora, o gordo vai me dizer o que queremos saber, mas só depois que você enfrentar um dos escravos bárbaros dele em uma luta até a morte, o que seria completamente desnecessário se você tivesse resistido ao desejo infantil de se mostrar.”

“Qual deles? Aquele grande e careca?”

“Não. A garota morena.”

●

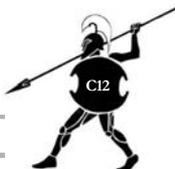
Aristathios não estava ali. Estavam sozinhos, a ceia terminada, e Delmikon estava sentado na frente dela, com o rosto apoiado nas mãos, pensativo e inquieto. Por duas vezes Samala quis aproveitar a situação, mas abria a boca e as palavras não saíam. Ela tinha esperanças de que só havia duas possibilidades: ou ele responderia rudemente, a dispensaria de uma vez por todas, deixando claro para ela que não havia futuro para os dois e que ela deveria seguir o seu caminho; ou, como desejava, ele retornaria seu afeto, declararia ser seu amor por ela tão grande quanto o dela por ele.

Mas é claro que havia uma outra possibilidade. Que era, afinal, a mais provável. Ele nunca seria rude com ela. Ele não iria mandá-la seguir seu caminho. Mas também não a aceitaria. Havia quatro anos que eles estavam nessa esgrima afetiva.

O sacerdote Orosides entrou no recinto, e Samala levantou-se e saiu, apressada. Aristathios olhou enquanto ela saía, e voltou-se para o Campeão:

“Se você quer se consumir por dentro, sofrer, o que seja, esse é um problema seu. Mas com isso você está fazendo aquela garota sofrer também, e nisso você está errado.”

“Não seja tolo, Aristathios. Estamos apenas preocupados com Hermione e Amnemon.”



“Pare com isso homem! Você tenta pateticamente esconder o que é tão óbvio! Tenta se enganar sem necessidade. Ouça o que estou dizendo, *Ela* não lhe observa o tempo todo. Eu sei o que estou dizendo, tenho tanta experiência com *Eles* quanto você.”

“Então você sabe, Aristathios. Sabe que basta um deslize. Um. Único. Deslize. Eu não posso me permitir fraquejar. Muitos dependem de mim.”

“Não dependem de você. Dependem de alguém, que pode ser você, pode ser Verbander, até Amnemon, se ele se prestar a isso. Mas existe alguém que depende de você e somente de você, e esse alguém está agora lá fora, provavelmente chorando, como já a vi fazer tantas vezes em *Thaoraxos*.”

“Não depende de mim. Pode depender de alguém, talvez Amnemon, se ele se prestar a isso.”

“Eu não acredito que estou ouvindo isso de você, homem. Você acha que está sendo nobre fazendo isso? Que está fazendo o melhor para o mundo? Você está sendo é covarde.”

Delmikon levantou-se de seu banco, furioso, e agarrou o Orosides pelas roupas, erguendo-o no ar muito embora o diminuto sacerdote pesasse tanto quanto ele próprio. Mas Aristathios continuou a provocação, falando com o rosto próximo ao do Campeão, olhando em seus olhos cinzentos:

“É exatamente isso! Libere a raiva que há dentro de você. Quem sabe aí a porta fique aberta para liberar o resto. Senão você vai se consumir por dentro. E eu pouco me importo com isso, mas sei que isso vai fazer aquela menina lá fora se consumir também, e com isso eu me importo.”

“Você não sabe de nada, sacerdote. Eu me preocupo com ela tanto quanto você. Talvez até mais. Por isso quero que ela encontre um bom homem, e que tenha bons filhos.” ele pousou Aristathios de volta no solo, e continuava “Eu...”

Quando a porta se abriu violentamente. Samala e Hermione entraram, apoiando Amnemon nos ombros.

“Delmikon, Aristathios! Ele está ferido. Vocês podem ajudá-lo, não?”

Retirando o manto de Amnemon, Delmikon viu um ferimento de lâmina na altura do rim, em uma parte desprotegida pela meiacoureira de *kyoatsali* do guerreiro.

“O que aconteceu?”

“Só conseguiríamos a informação se Amnemon aceitasse uma luta contra uma escrava. Ele venceu, mas foi ferido pela mulher. Ela apunhalou-o aí.” disse Hermione.

“Eu posso fazer alguma coisa.” falou Delmikon, ajoelhando-se ao lado de Amnemon. Samala pousou a mão em seu ombro. Ele iria iniciar sua prece a Afrodite, mas antes murmurou, para si, a continuação do que falaria para Aristathios se não tivessem sido interrompidos.

“...não sou um bom homem.”

REVOLTA

Cinco figuras envoltas em mantos escuros cruzaram a rua deserta sob o pouco da luz de Selene que conseguia passar por entre as frestas nas nuvens. Não carregavam tochas ou lamparinas, e andavam em silêncio.

O grupo parou em frente uma viela que abria caminho entre dois prédios. A figura da frente olhou para trás e assentiu com sua cabeça coberta pelo capuz, antes de entrar no beco escuro. Helios se levantaria em quatro horas, e o único

som de vida além dos passos cadenciados do grupo vinha de um bando de ratos que fazia da viela sua casa. Os olhos vermelhos das criaturas vigiaram o avanço dos cinco encapuzados até se deparar com um muro, que cercava um parque público.

O vulto da frente afastou seu capuz e revelou um rosto feminino e cabelos loiros encaracolados. O dedo indicador, pressionado sobre os lábios, reforçava a necessidade de quietude para os outros quatro membros da comitiva. O luar refletiu na lâmina férrea de um punhal curvo, que ela passou pelo chão a sua frente, cuidadosamente.

O braço esquerdo estendido para trás, o movimento da mão indicou aos companheiros para recuar. Ela abaixou-se mais, ainda passando a arma pelo chão, até finalmente deter-se em um ponto e torcê-lo. Um distinto som metálico reverberou pelo beco escuro, e a garota se levantou, foi até a parede à esquerda e puxou de uma alcova que nenhum dos outros havia percebido antes uma lança de cabo curto e lâmina larga, enegrecida.

“Está desarmada agora. Se nenhum de vocês tiver um uso melhor para isto, vou levá-la comigo. A ponta está envenenada, pode nos ser útil.”

“E a entrada Hermione?”

“Bem aqui.” disse a jovem, pisando forte com o pé esquerdo no chão. O som de pedra deslizando se fez ouvir, e uma passagem, tão estreita que Amnemon mal poderia se esgueirar por ela, se abriu no chão.

“Eu vou à frente.” disse Delmikon, já se adiantando.

“Não!” impediu Hermione, segurando-o pelo braço. “Eu vou. Pode haver mais armadilhas. Deixem-me descer, e esperem eu chamá-los. Depois, silêncio. Pisem apenas onde eu pisar. Sigam-me em ordem, Delmikon, Amnemon, Aristathios e Samala.”

“Por que eu por último? Enxergo perfeitamente no escuro, e sei me cuidar.”

“Exatamente por isso. Você e Aristathios não precisam estar tão próximos de mim para ver onde eu piso, e também preciso de alguém que saiba se defender para cuidar da retaguarda.”

“Eu concordo. Desça então, Hermione. Aguardarei seu sinal.”

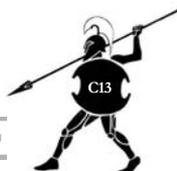
A garota desceu cuidadosamente, apoiando pés e mãos em nichos escavados na parede exatamente para este propósito. Segundos que pareceram horas transcorreram após os cabelos loiros de Hermione sumirem no meio da escuridão. Então um assobio fraco, mas audível, indicou que eles poderiam descer. Foram-se na ordem indicada pela jovem.

Antes de chegarem naquele lugar, Hermione contara a seus companheiros o que havia descoberto. Sim, um culto de adoradores de G’Goschih se escondia nas catacumbas da cidade já há séculos. E nas últimas semanas estiveram bastante ativos. Depois de muito investigar em meio aos membros do submundo da cidade, finalmente ela conseguiu a informação daquela passagem, uma rota de fuga para cultistas que porventura se vissem em necessidade no distrito central. Essa seria a entrada do grupo.

Apenas Aristathios conseguia ficar em pé naquele túnel. Todos os outros precisavam se curvar, sendo que Amnemon e Delmikon tiveram que ajoelhar. Seguiram em silêncio e vagarosamente pela passagem que tinha um leve declive. Por mais de uma hora seguiram, sempre atrás de Hermione que examinava cada centímetro à sua frente antes de avançar.

Samala, que tinha um perfeito senso de orientação, calculava que estavam indo na direção do rio, e que talvez já estivessem a uma profundidade que os permitisse passar por baixo dele.

Finalmente, uma luz se revelava adiante, aproximadamente a 30 braças do grupo. Hermione fez



um sinal para aguardarem. Ela continuou sozinha, e novamente os outros quatro sentiram o tempo congelar enquanto a esperavam. Finalmente, ouviram sua voz:

“Podem vir, está seguro.”

Eles seguiram. O túnel se alargava um pouco e terminava em uma sala pequena. Havia uma porta oposta a saída do túnel, que estava entreaberta, e um corpo de homem no chão, com a garganta cortada e com a perna ainda tremendo espasmodicamente.

“Ele era o guarda da passagem. Ficava do outro lado da porta e vigiava quem entrasse. Se ele fosse um pouco mais esperto, nossa missão teria acabado aqui, mas, por Tyche, ele acreditou que eu era um deles quando o chamei aqui dentro.”

“E agora?”

“Eu ouvi vozes ecoando vindas do fim deste corredor após a porta.”

Os cinco foram naquela direção. Aquele corredor parecia ser o acesso principal do local, era bem iluminado e limpo, mas não havia nenhuma sentinela exceto aquele que Hermione derrotara. O volume das vozes aumentava à medida que eles se aproximavam.

O corredor acabava no alto de uma escadaria. Aos seus pés, uma ampla câmara se abria, na qual estava um grupo de homens e mulheres, em mantos brancos, aproximadamente duas dezenas, todos de costas para a escadaria. Estavam virados para uma plataforma no lado oposto da câmara, onde um outro homem, também paramentado de branco, estava de pé diante de um altar de pedra, onde jazia um rapaz acorrentado. O homem, que também estava de costas, tinha as mãos levantadas, e na direita trazia uma faca de metal irregular e de lâmina bastante larga. Ao lado do altar estava, em pé, a figura alta e esguia de um Zoi Mavros, com a pele escura como carvão e os cabelos tão brancos quanto o manto dos cultistas. Todo o vazio da sala era preenchido pelas vozes em cântico dos acólitos.

Delmikon franziu sua fronte e rosnou:

“Sacrifício humano.”, e virou-se para Samala “Consegue acertá-lo daqui?”

“Claro.”

“Então ataque, antes que ele esfaqueie o garoto. Aristathios, mostre-lhes o poder de Hefesto.” disse, desembainhando a kopis e descartando seu manto, no que foi imitado por Amnemon.

Samala também retirou sua capa, e puxou um dardo da aljava. Em um piscar de olhos, a arma já estava singrando o ar para finalmente perfurar pele e o coração por detrás dela em seu alvo a 20 braças de distância.

Enquanto a maioria gritava horrorizada, alguns cultistas imediatamente se voltaram para a direção de onde viera o projétil e viu o grupo no alto da escada. Era o mesmo momento em que Aristathios finalizava seu pedido a Hefesto, de que o calor incandescente de sua forja divina se manifestasse em uma chama purificadora contra os adoradores de G’Goschih. Uma coluna de fogo irrompeu bem no centro do salão, incinerando instantaneamente os que estavam mais próximos e ateando as vestes dos adjacentes.

Pânico irrompeu. Delmikon e Amnemon se atiraram na multidão, o primeiro tentando o mais rápido possível alcançar o Zoi Mavros, que ia em direção ao cultista morto por Samala.

Hermione, Samala e Aristathios também se juntaram ao combate corpo-a-corpo. Os cultistas, embora armados, não eram páreo para os bem treinados companheiros, e apenas sua superioridade numérica representava ameaça.

Delmikon alcançou o altar ao mesmo tempo em que o Zoi Mavros agarra a faca. Não era exatamente uma faca, era apenas um pedaço de metal comprido e afiado.

Os dois oponentes se mediram. Sabiam que aquele duelo não seria vencido pelo mais rápido, ou pelo mais forte, mas sim por aquele que conseguisse manter o controle. Quando um dava um passo para o lado, o outro acompanhava. Eles começaram a circular em torno do altar, em volta do corpo perfurado pelo dardo, tentando alcançar uma posição vantajosa. Os olhos de um estavam fixos nos do outro. A mente estava totalmente concentrada naquela luta. A mente do Zoi Mavros. Delmikon deixou sua concentração se dirigir para Samala.

Em um movimento rápido, o Campeão girou sua kopis e a lançou com toda sua força. A arma passou girando e sibilando por cima do ombro do Zoi Mavros, atravessou a sala e se cravou nas costas de um cultista que se aproximava por trás de Samala preparado para apunhalá-la. O homem desabou, com a coluna partida pela lâmina.

Porém, o Zoi Mavros não se importava com Samala, apenas com a oportunidade de ataque. A criatura estocou com sua arma e Delmikon teve que se contorcer para desviar seu tronco do caminho da lâmina, que ainda resvalou em sua armadura.

Mantendo a pressão, o oponente golpeou a perna direita de Delmikon com seu joelho, seguido de um novo ataque com a adaga direcionado à garganta do Campeão. A única defesa possível custou ao seu antebraço esquerdo um corte profundo do cotovelo ao pulso. A intenção era fazer com que a lâmina o atravessasse, e, com isso, desarmasse o oponente. Mas a lâmina continuou livre, rasgando carne e fazendo verter sangue.

O Zoi Mavros era mais rápido. E, se quisesse usar sua força, Delmikon deveria ser mais esperto. Ao invés de retornar à sua posição original, ele se deixou cair ao chão, tentando acertar as pernas do inimigo e derrubá-lo.

Mas o servo de G’Goschih antecipou aquele movimento, e saltou fora do alcance do chute de Delmikon. Agora o Zoi Mavros tinha a sua mercê, apenas precisava escolher onde perfurá-lo.

Delmikon olhou para o lado, e viu Samala, lutando ainda, graciosa, evitando todos os ataques, dependendo apenas de si mesma, da agilidade e da força dos seus músculos. O Campeão se amaldiçoou internamente por sua fraqueza, sua dependência. Fechou os olhos e murmurou:

“Senhora.”

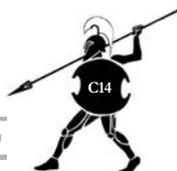
Sentiu neste mesmo momento o frio causado pela perda de sangue se esvaír e transformar-se em calor, que queimava em seu peito e inflamava suas têmporas. Seus músculos o impulsionaram involuntariamente, desviando para o lado e evitando o curso fatal da arma do Zoi Mavros, que atingiu o piso de pedra produzindo faíscas.

“Dai-me força para enfrentar aqueles que ameaçam o Olimpo.”

Com o cotovelo direito, Delmikon atingiu a fronte do Zoi Mavros logo abaixo do olho, e sentiu o osso se partir sob seu golpe. Sua mão esquerda, ensanguentada, cerrou-se em um punho que encontrou a face da criatura. Sangue e dentes percorreram o ar.

Delmikon rolou e sentou-se sobre o tórax do Zoi Mavros, agarrando seu braço direito, e aplicando pressão na articulação, que se quebrou diante da força do Campeão. A criatura ainda tentou acertá-lo com as garras da mão esquerda, cravando-as em seu ombro direito por baixo da armadura. Sem ao menos tomar consciência do ferimento, Delmikon usou sua mão direita como um martelo, esmigalhando a clavícula do Zoi Mavros, o que o fez largar o seu braço. O inimigo desfaleceu, respirando com dificuldade através do sangue em sua boca e narinas.

Amnemon, Aristathios, Hermione e Samala acabavam nesse momento de subjugar os últimos cultistas. A batalha estava terminada.



CONFIANÇA

No Olimpo...

As águas cristalinas e sem uma mínima ondulação mostravam a cena que se desenrolava muito distante dali. Ela estava apreensiva, preocupada com o seu Campeão ferido, tanto que mal percebeu a aproximação. A figura em armadura movia-se sem um ruído.

“Que fazes, bela senhora? Pensei que meu pai havia nos proibido de observar os mortais através das águas desta fonte.”

Os dedos delicados roçaram a superfície da água e fizeram a imagem desaparecer.

“Nada observo, senhor. Estou apenas relaxando um pouco. Mas diga-me, que fazes tu aqui, Ares?”

“Vim procurar-te. Meu irmão manco voltou ao seu vulcão, e, imaginando que te sentirias solitária, vim fazer-te companhia.” disse ele, por trás do *keranos*.

Ela levantou-se e envolveu-o com seus braços nus. Chegou com o rosto bem perto da abertura do elmo, e sussurrou:

“Ah, Ares. Tua salvação é ser tão belo e forte, pois teus galanteios não são dignos da mais ímpia mundana de Calímia.”

Um riso grave, que em nada podia ser confundido com alegria, emergiu da face encoberta: “Por que citaste Calímia, Afrodite? Algo de interessante por lá?”

“Não há nada lá que seja digno de nossa atenção. Agora vamos, meu amado, antes que nos vejam.”



Enquanto isso, sob as ruas de Calímia...

Uma vez passado o surto de energia provocado pela inspiração divina, Delmikon começou a sentir os efeitos da perda de sangue. Sua visão ficou embaçada e preenchida com pontos pretos. O mesmo sangue que retumbava em suas têmporas escorria em golfadas pela artéria rompida no braço esquerdo. Novamente veio a sensação de frio, que fazia tremer os músculos do Campeão.

Aos seus pés o Zoi Mavros respirava com dificuldade, ou aparentava, pois não confiava em sua visão e seus ouvidos pareciam estar preenchidos com chumaços de linho, pois os sons pareciam distantes e abafados. Por isso, não ouviu seus companheiros chamando se nome ou se aproximando até estarem ao seu lado.

O Orosides Aristathios foi o que chegou a ele primeiro, e tocou em seu braço ferido, levantando-o levemente e olhando a carne exposta.

“Deixe-me cuidar disso. Hefesto protege os...”

Delmikon buscou suas reservas de força para recobrar a compostura e arrancar da mão do sacerdote seu braço, com isso fazendo esguichar mais sangue.

“Não, Aristathios! Não é necessário. Um homem não pode depender dos deuses sempre, mas sim fazer-se digno de seu favor mostrando-se sempre apto a cuidar de sua própria vida. Algumas tiras do manto desta escória idólatra devem ser suficientes para estancar o sangue.” disse, em um esforço supremo para dizer as palavras sem um traço de tremor. Quando sentiu que suas pernas não o sustentariam de pé por muito tempo, abaixou-se na direção do cadáver do cultista como se aquele fosse um gesto proposital.

“Deixe que eu faça isso por você, então.” aproximou-se Samala. A moça abaixou-se ao lado dele e limpou sua faca antes de cortar a barra do manto em forma de ataduras. A primeira tentativa de mover o braço e estendê-lo na direção dela

não teve sucesso, o membro não se moveu. Concentando-se, Delmikon forçou mais uma vez e seu braço ensangüentado se apresentou diante de Samala para que a bandagem fosse feita.

“Eu vi sua arma, cravada no homem que ia me atacar.” ela disse enquanto amarrava a faixa.

Ele não respondeu, sem saber se por causa do ferimento não tinha forças para isso ou se simplesmente porque as palavras lhe faltaram.

“Obrigada.” ela continuou. Ela apertou uma tira bem forte na altura da articulação, para diminuir o fluxo de sangue. “Se não fosse por isso você não estaria tão ferido.” ela tocou no seu ombro direito, onde havia mais três cortes, menos profundos, provocados pelas unhas do Zoi Mavros.

Sem aviso, ele se levantou, abruptamente, deixando a moça ajoelhada no chão.

“Eu atirei a *kepis* mirando no Zoi Mavros e errei. Se meu golpe acabou salvando você foi pela mão de algum deus que o desviou. Talvez a Caçadora. Agradeça a Ela.”

Ela olhou para ele, e ele de volta para ela. Ele não conseguia discernir se eram lágrimas que via nos olhos dela ou se era simplesmente a sua visão falha lhe pregando peças. Mas ainda conseguia ler claramente neles que ela não acreditava em sua mentira. Ela desviou os olhos, escondendo as lágrimas – se existiam – ou a sua afirmação. Delmikon virou-se.

“Ele está acordado?” perguntou para Amnemon, de quem só enxergava o vulto, agora.

“Sim.” quem respondeu foi Hermione.

Delmikon abaixou-se ao lado do Zoi Mavros. Os olhos amarelados da criatura estavam semi-abertos, tão inchados quanto seu rosto golpeado pelo Campeão.

“Que faz aqui, monstro? O que sua laia quer na Hélade?”

“*Zel’oth marr-thalik algois tham Akheoi. Ulth jab vacee’co.*”

“Fale minha língua, escória!”

“Ele disse: ‘Eu trago a ruína para todos os gregos. Sou um de muitos.’”

Todos os presentes arregalaram os olhos, inclusive o Zoi Mavros caído, diante das palavras de Amnemon. Imediatamente a névoa na mente de Delmikon momentaneamente se dissipou pela surpresa, mas quem falou antes foi Samala.

“Você entende o idioma deles? Como é possível? Onde aprendeu, homem?”

“Como tudo em minha vida, não sei! As palavras apenas fizeram sentido para mim.” ele também abaixou-se, do lado oposto a Delmikon, que o olhava atônito. Amnemon pôs sua enorme mão no pescoço do Zoi Mavros, e continuou naquela língua gutural: “*Zel talikke groe’dyan selm-tha oprja. Zel’ghas thok Jadhos!*”

Quem pode conjecturar quantas coisas mais há para se saber sobre Amnemon?

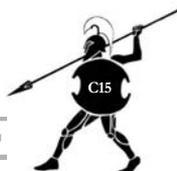


Olimpo...

“Deixa a jarra, Ganimedes.”

As duas figuras, sentadas no jardim, esperaram o serviçal divino se afastar o suficiente para que os sussurros não fossem ouvidos.

“O momento é este, senhora. Lorde Zeus está com Hera. Hefesto se retirou para sua morada, e Ares aproveitou-se para encontrar Afrodite em seus aposentos. Ninguém vigia aqueles mortais.” disse uma delas. A outra ponderou as palavras por alguns instantes, como se saboreasse cada sílaba.



“Que seja feito então. Transmita a ordem. Já esperei tempo demais por isso.”



Mais tarde, na hospedaria...

“Eles estão demorando.” disse Amnemon, quebrando o silêncio entre mordidas na carne assada servida.

“Delmikon não deve querer chamar a atenção. Ele e Aristathios devem estar procurando o Sacerdote de Zeus, e vão entregar o Zoi Mavros a ele, para que seja julgado e provavelmente executado.”

“E o que você achou?”

“Do que?”

“Do que o Zoi Mavros disse.”

“Do que você diz que ele disse. Ainda não acredito que você fala aquela língua horrenda.”

“Ele falou em artefatos. Aquela lâmina, a arma que ele usou contra Delmikon, ele disse que aquilo era uma lasca da espada do Titã que Hermes matou aqui mesmo nessa cidade.”

“Crius.”

“Exato. E que outros buscavam mais artefatos em outros lugares onde houve batalhas no continente. Falou em uma máscara, ao norte.”

“Não vejo onde você quer chegar.”

“Máscara. Rosto. Face. Lembra-se do que disse a Pitonisa? *‘A discórdia atentai, há a face e a mão’*”

“A face da discórdia. Máscara de Éris?”

“Acredito que sim. Mas...”

A porta da sala se abriu, e entraram Aristathios e Delmikon. O Campeão olhou para Samala, e seus olhos se encontraram.

“Partimos amanhã. Eu vou me recolher. Boa noite.”

Não disseram nada, enquanto Delmikon passava por eles, indo pelo corredor rumo ao seu quarto.

“O que houve, Aristathios?” perguntou Samala, apreensiva.

“Eu discuti com ele novamente.”

“Não por minha causa, espero.”

“Não espere. É claro que foi por você, filha. E por ele, também.”

“Não faça isso, Aristathios. Já é ruim o suficiente para nós dois. Envolver mais pessoas nisso só piora, e me faz sentir-me ainda mais mal.”

“Mão.” murmurou Amnemon.

“Que disse, Amnemon?” perguntou Aristathios.

“A mão, da profecia. Se o rosto é de Éris, a mão também é. A mão da Discórdia.”

“Do que está falando, homem?”

“Acho que a mão da Discórdia está entre nós.”



Ao se afastar dos companheiros, Delmikon pensou em se deixar apoiar na parede. Suas pernas já não o sustentavam mais tão facilmente. Mas balançou a cabeça, tirou o cabelo que lhe caía nos olhos e endireitou o corpo.

Sem fraquejar. Se o corpo falhar, a mente seguirá logo atrás. E se a sua mente fraquejasse as conseqüências seriam desastrosas.

Entrou no quarto que estava ocupando e fechou a cortina que servia de porta. Na penumbra ele se dirigiu a uma mesa à sua esquerda, guiado pelo brilho fraco de luar que entrava pela janela aberta.

Sobre a mesa, pegou uma cuia e encheu com a água do cântaro de cerâmica ao lado. Levou-a aos lábios e deixou

os goles escorregarem por sua garganta, o primeiro líquido que sorvia desde muito antes da batalha, e estava tão sedento que a água parecia queimar sua garganta, com um gosto bastante amargo.

Sentiu os pelos de sua nuca se eriçarem. Não estava sozinho no aposento. Virou-se ao mesmo tempo em que ouviu a voz:

“Estava te esperando, Delmikon.”

“Quem?”

ACERTO

“O que está fazendo em meus aposentos? Por favor, saia.”

“Queres que eu saia, Delmikon? Não me desejas?” disse o vulto, levantando-se lentamente das mantas de pele que estavam no chão, onde o Campeão havia dormido durante os últimos dias.

A sombra se aproximou, em um caminhar sinuoso e sensual. Delmikon pousou a cuia de onde havia acabado de beber sobre a mesa, e, quando se voltou, a garota já estava a um palmo de distância de seu corpo. Podia sentir sua respiração próxima ao seu peito.

“Eu vou me repetir só mais uma vez, Hermione. Por favor, vá. Preciso descansar.”

A mão dela tentou acariciar os cabelos do Campeão, que afastou sua cabeça da mão estendida como se esta fosse uma víbora, o que arrancou uma risada da moça.

“O que temes, Delmikon? Por que me evitas? Terias coragem de me rejeitar?”

Delmikon avançou em sua direção, buscando agarrar a insolente pelo braço e colocá-la para fora de seu quarto. Mas a ágil jovem conseguiu evitar a investida, sem muita dificuldade: os movimentos do Campeão pareciam consideravelmente mais lentos do que o normal. Ela continuou a provocação.

“Ah, agora desististe de resistir a mim? Pois não perderei tão facilmente a rejeição, Delmikon. Minha Senhora não te perdoará tampouco.”

O Campeão franziu a testa ao ouvir estas palavras, e olhou fixamente para Hermione. Subitamente, notou o modo como ela falava, num tom muito mais imponente e empertigado do que ele estava acostumado a ouvir da ladra de Calimia que conhecera poucas semanas atrás. Tentou focar sua visão, mas o vulto ficava cada vez mais indistinto. Buscou as palavras, e elas lhe vieram com dificuldade:

“Tua Senhora? Hermione, o que dizes?”

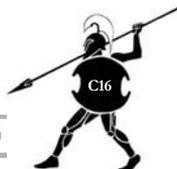
“Ora, pois tu sabes muito bem quem é Ela, tolo. A mesma Senhora que tu rejeitaste quinze anos atrás, nas ruas de Nacisi, esnobando-a e preferindo a Afrodite ao invés.”

“O q_ AGH!” a frase foi interrompida pela dor que começou na garganta e desceu pelo esôfago, do mesmo modo que a água fizera instantes atrás.

“Éris, Delmikon. Minha Senhora nunca esquece as afrontas cometidas, Campeão. E que o sangue de Hydra que acabaste de sorver te traga uma morte cem vezes pior que a humilhação imposta a Ela!”

Delmikon curvou-se sobre seu estômago, que agora ardia em chamas e começava a espalhar a queimação por todo seu corpo. Mas apenas por um instante. Como a corda de um arco, seus músculos se flexionaram e ele saltou sobre a sua traícoeira companheira, pegando-a pelas alças da roupa e arremetendo-a contra a parede. Pega de surpresa, Hermione sofreu o baque do crânio na pedra fria, mas logo se recompôs:

“Devo admitir que estou impressionada. O veneno foi preparado pela minha própria Senhora, que com seu



próprio Ichor aumentou sua potência, e deveria ser suficiente para acabar com tua vida ainda em plena forma, Campeão. Mas mesmo ferido e debilitado como estás ainda há luta em ti. Admiro-te, mas teu esforço é inútil. Este veneno já matou Quiron e o próprio Herakles. Não podes resistir.”

Os dedos de Delmikon se fecharam em torno do pescoço delicado de Hermione, mas as forças do Campeão já se esvaíam. Uma nova onda de dor percorreu seu corpo, sinal de que a toxina já estava se espalhando. Hermione conseguiu se livrar do aperto, não sem dificuldade, e se afastou de Delmikon. Este fazia um esforço tremendo apenas para se manter de pé, mas ainda conseguia imprimir em sua voz a entonação de comando que lhe era peculiar.

“Traidora... infame! Fora tudo armado, então, desde aquela manhã na estrada para Thaoraxos? Agora percebo que aqueles centauros realmente estavam irracionais por demais, provavelmente porque foram enfeitiçados por ti ou por tua Senhora para simular um ataque e corroborar teu engodo. Mas por que só agora decidiste atacar? Tiveste ampla oportunidade para agir anteriormente, em nossas viagens.”

“Não parece óbvio? Não podia atacar enquanto tua protetora estivesse olhando. Aguardei para que minha Senhora pudesse providenciar uma oportunidade de desviar a atenção de Afrodite. E é bom que saibas que, neste momento, não só ela te abandonaste como se encontra nos braços de seu amante divino, o Deus da Guerra, aquele que desfruta daquilo que tu só consegues imaginar. Decidiste te dedicar à Senhora errada, Delmikon.”

Delmikon tateou em sua cintura pelo cabo da kopis, e fechou seus dedos já inchados em torno da empunhadura. Sacou-a, mas seu braço não conseguia erguer a arma que agora parecia pesar tanto quanto um touro. Com a ajuda da outra mão, pôde colocar-se em posição de ataque.

“O esforço só vai fazer com que o veneno aja mais rápido, Delmikon. Aproveita teus últimos minutos e descansa, o que não fez durante tua vida patética a serviço de tua Senhora. Descansa pensando que Éris poderia tê-lo perdoado em agradecimento por me colocar no caminho certo para recuperar uma relíquia sua perdida há tantos séculos. Mas piedade não é típica de minha Senhora, e tu não serás um dos poucos a conhecê-la.”

Sem aviso, o Campeão atacou com selvageria, desferindo sua kopis em um golpe que em nada denotava sua condição enfraquecida. Hermione teve que se contorcer para evitar o ataque mortal dirigido ao seu pescoço, e ainda assim a ponta da lâmina resvalou em seu ombro, cobrando seu tributo em sangue.

Com esta investida, Delmikon caiu, e a arma escapou-lhe das mãos. Seus braços não tiveram força suficiente para erguê-lo novamente. A garota olhou para o Campeão caído após examinar o ferimento em seu braço.

“Impressionada. Terias dado um ótimo servo para minha Senhora.”

“Não... a serviria... nunca! Antes ser devorado por Mantikhorai, mulher vil. Não creias que escaparás facilmente da justiça, Hermione. Eu tombarei, mas serei vingado. E estarei esperando em Hades por ti! Tua Senhora não verá sua máscara novamente, isso eu juro!”

“Para Hades irás com certeza, e tua condenação é o esquecimento, Campeão, por cada um dos juramentos em vão que fizeste, ao qual esse só se fará somar. Devo partir agora, pois a qualquer momento tua Senhora pode voltar a te observar, embora muito me agrada ver-te agonizar aos meus pés. Se Tyche ainda sorrir para ti, talvez ela o faça antes que o sangue da Hydra te leve para sempre. Adeus, Delmikon.”



“Faz sentido o que Amnemon disse.” falou o Sacerdote de Hefesto. Amnemon voltara ao seus pensamentos, absorto.

“Como assim, Aristathios?”

“Pense Samala. Desde que iniciamos essa viagem, eu e Delmikon temos constantemente discutido, por qualquer motivo.”

“Bobagem, Aristathios. Éris deleitou-se com suas discussões, mas não mais do que com qualquer outra em qualquer lugar da Hélade. Ademais, se houvesse alguma influência maior dela por aqui, creio que eu, Amnemon e Hermione estaríamos sendo afetados também, não?”

“Mas eu e Delmikon temos experiência com os Deuses, nós somos os que deveriam ser distraídos para que algo fosse feito sem que fosse percebido. Raciocine, nós nos conhecemos há anos, e por muito tempo venho assistindo o desenrolar desse entrave entre vocês. Por que agora, de todas as épocas, foi a que não pude me conter, e disse o que sempre guardei para mim?”

“Você está delirando. Nem tudo que acontece entre nós tem a mão divina por trás. A maioria do que acontece de bom ou ruim no mundo tem a ver com os mortais, não com os Deuses.”

“Sei muito bem disso, criança, e disse essas mesmas palavras para Delmikon ontem. Mas sei também que, na minoria, onde Eles agem, é que acontecem os fatos de maior impacto, e...”

Silêncio. Segundos se passaram, e o Orosides permaneceu de boca aberta, a frase inacabada. Parecia que o tempo havia parado, mas Samala podia ver claramente o Sacerdote respirando a sua frente. Isso chamou a atenção de Amnemon, que deixou de lado seus pensamentos:

“Aristathios? O que há com você?” perguntou ele, esticando seu braço. O Sacerdote tinha os olhos arregalados, e gotas de suor se manifestavam em sua frente.

“Eu sinto! Posso sentir nos meus ossos, eu sinto!”

“O que, homem? O que sente?”

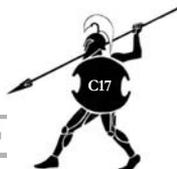
“É um Deles! Se aproxima, está vindo para perto de nós!”

“Como assim, um...”

A frase de Samala foi interrompida por um grito que pareceu fazer tremer as paredes da construção. O proprietário da hospedaria, que estava no aposento com os três companheiros, semi-adormecido, caiu ao chão e pôs-se a suplicar pela clemência do Zeus Protetor.

Embora ensurdecedor o grito, a palavra proferida era bastante clara.

Era o nome de Delmikon.



●

Eles correram até a porta do aposento onde Delmikon estava em questão de segundos, Samala à frente dos outros dois, e afastaram a cortina. No quarto escuro, iluminado apenas pela luz da lua que adentrava pela janela aberta, estava uma mulher belíssima ajoelhada, com o Campeão caído em seu colo. Samala fez um movimento para erguer sua arma, mas foi impedida por Aristathios.

“Não faça isso, filha! É a esposa de meu Senhor, a Mais Bela, aquela a quem Delmikon serve!” disse Aristathios, em voz baixa.

A Deusa pareceu nem mesmo notar a chegada do grupo:

“DELMIKON! Meu Delmikon, meu Campeão, olha para mim! Me contempla, como juraste, que não deixarei que Thanatos se aproxime para tocar-te até que o faça! Olha pra mim, Delmikon!”

“Senhora, não posso! O veneno que me rouba a vida já me levou a visão, não posso ver-vos!” a voz do Campeão ainda se esforçava para manter o tom firme, mas as últimas sílabas das frases se arrastavam e terminavam em um som baixo, que acabava por ser suplantado pela respiração ofegante.

“Delmikon! Veneno? O que aconteceu?” adiantou-se Amnemon, ignorando os clamores por prudência do Sacerdote Orosides.

“Alguém em quem confiei, e em meu nome vós também confiades, aconteceu. Hermione se revelou, e seu propósito. A vilã é na verdade uma Campeã de Éris, e se aproximou de mim com o intuito de me assassinar desde o princípio! Ela envenenou minha água, que tolamente bebi, e fugiu!”

“Veneno? Eu posso invocar a ajuda de meu Senhor para tentar eliminá-lo.” disse Aristathios, se aproximando.

“Estúpido mortal deformado! Ousas pensar que a minúscula parcela de poder que o meu manco marido te concede poderia suceder onde minha própria divindade não pôde? Guarda tuas migalhas para ti, ser ímpio. O veneno foi mesclado ao sangue da própria Discórdia, e Delmikon agora está além de qualquer cura.”

“Hermione! Maldita, devia ter confiado em meu instinto, que me indispôs com aquela cobra ainda em Thaoraxos!”

“Samala!” disse Delmikon, esticando seu braço direito na direção da voz que ouvira. A Deusa lentamente virou seu rosto e encarou a moça, um olhar que parecia ser capaz de arrancar a pele de Samala. Aristathios percebeu que, com esse gesto impensado Delmikon poderia ter condenado a si mesmo, Samala, ele e Amnemon a uma morte agonizante.

A Deusa permaneceu com os olhos fixos na Miso Zoi por algum tempo, até que suas feições abrandassem. Quando falou, foi com uma voz suave, maternal, que em nada lembrava a cólera de instantes atrás.

“Tu, mestiça. Posso sentir a afeição que nutres pelo meu Delmikon, do mesmo modo que sinto a que ele guarda por ti. Aproxima-te, toca-o. Por toda a vida ele me foi fiel, lutou por mim

e por mim manteve em grilhões sua paixão. Não irei condenar a ti ou a ele neste momento de despedida, não o privarei desse alento, que pelo menos por enquanto o sangue da Hydra não pôde roubar. Vem sem medo, choremos juntas nossa perda.”

A garota olhou para trás, para seus companheiros Amnemon e Aristathios. O guerreiro tinha a face cerrada e que transparecia o ódio pela traidora que por semanas esteve em seu meio. O Sacerdote olhava para ela, fixamente, e seus olhos pareciam dizer para que fosse, obedecesse à Deusa, que aquela era uma dádiva que não se podia conceber desperdiçar.

Samala se aproximou, e ajoelhou-se do lado oposto à Afrodite. Tocou o rosto de Delmikon, e seus dedos delicados puderam constatar que o Campeão ardia em febre.

“Delmikon, eu...” ela foi interrompida pela mão dele, que agarrou a sua. Por um momento ela pensou que mais uma vez ele a afastaria, a rejeitaria. Mas a mão de Delmikon apenas apertou a sua gentilmente.

“Sama, não é necessário. O que tens para me dizer já li em teus olhos muitas vezes durante o tempo que nos conhecemos. Já senti a cada vez que nossas costas se encontravam durante uma batalha, já provei em cada refeição que partilhamos juntos em nossas viagens e aventuras, ouvi em cada conversa que tivemos na varanda do kleros de teu pai, a cada vez que sentia teu perfume. Não, és tu quem precisa ouvir, pois durante todo esse tempo eu cruelmente te neguei essas palavras. Não quero que digas para que não fique presa a alguém que está partindo, mas quero que ouças, pois não há ninguém neste mundo que mereça mais ouvir isso.”

Ele levou a mão dela aos lábios, e beijou-a. O sangue que saía de sua boca, impregnado pelo veneno da Hydra, ardeu intensamente nas costas da mão de Samala, mas nenhuma atenção da garota foi dada à dor.

“Eu te amo, Samala. Eu agora me retiro ao Hades, onde encontrarei a paga pelos meus atos em vida, justos e injustos, desses últimos o qual o maior foi ter te causado a dor por tanto tempo. Pois saiba que nem Lethe me fará esquecer-te. Se te ver novamente, me lembrarei, não importa o que aconteça. Adeus, e me perdoe.”

O Campeão fechou os olhos já cegos. Samala pensou a princípio serem lágrimas que vertiam deles, mas constatou que era sangue, que agora também saía pelos ouvidos e nariz de Delmikon. A mão que segurava a sua ainda manteve o aperto, porém logo escorregou por entre seus dedos, e pousou-se no chão. A última respiração, a última batida do coração, e ele se foi.

Mortal e Deusa, cada qual de seu lado, derramaram suas lágrimas.

*Assim morreu Delmikon,
filho de Alcenides,
Campeão de Afrodite.*

